

DEFESA DE ESPINHO

DIR. INT. J. M. GABRIEL DE JESUS • FUNDADOR: BENJAMIM COSTA DIAS • SEMANÁRIO - ANO 50.º - N.º 2627 • QUINTA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1982 • PREÇO 10\$00

MAIS UMA FACADA NO EMPOBRECIDO TURISMO

VERANEANTES OBRIGADOS A UTILIZAR MÁSCARAS ANTI POEIRAS

AGOSTINHO ALMEIDA

Decididamente os espinhenses, seja qual for a sua área política, chegaram à triste conclusão que temos uma autarquia de «ideias poucas e orelhas moucas». Avaliamos esta apreciação pelas inúmeras opiniões de repulsa que ao longo da semana registamos de individualidades de vários quadrantes ideológicos, que visam sobretudo e unicamente a prosperidade de Espinho como estância de turismo, de cartaz mundial, que se vê numa fase de expansão sem o necessário apoio de alternativas lógicas, por banda da autarquia local, que praticamente se divorcia dos acontecimentos.

Sabido que a população na época estival triplica sistematicamente todos os anos, de um público que procura Espinho para descansar, para tratamento ou para simples recreação, não se importou a Câmara de procurar criar condições alternativas que não prejudicassem simultaneamente o andamento dos trabalhos de construção dos esporões, do novo «apart-hotel», nem tão pouco os locais que são pontos de convívio tradicional de espinhenses, forasteiros, de veraneantes.

Avenida 8, num cenário políptico do chamado «pica-deiro» cuja fama rapidamente

correu o mundo pela beleza que encenava das esplanadas, dos cafés e da música melódica transmitida ao longo do dia e da noite, um autêntico «sex-appeal», viu-se «condenada» a suspender a actividade até as obras em curso ficarem concluídas.

Como alternativa, a nova urbanização empedrada da beira-mar foi utilizada e diariamente muitos milhares de pessoas passeavam ali despreocupadamente, repousavam nos inúmeros bancos e naquela «sala de visitas» encontraram, finalmente, aquele lenitivo ideal de sossego para as suas férias, até que a acumulação de terra largada, ao longo do dia, pela frota de camiões que transportam pedra para o esporão da Piscina, transformou aquela esplanada bela, num inferno de poeira que diverte os camionistas e escorrega os turistas.

LAVAGEM DO PÁTIO RESOLVERIA O PROBLEMA

Já aqui alertamos os serviços camarários, fazendo eco das imensas reclamações, mas foi brado no deserto, «numa terra de ninguém».

Efectivamente o trabalho não se apresenta assim tão complexo que não haja solução, sem paralisar as obras.

Assim haja vontade de se criar em condições à preservação e intensificação do nosso empobrecido turismo que bem carido está.

Já trocámos impressões com um camionista que concordou absolutamente que não é difícil eliminar todas ou mais de 90 por cento das poeiras que as viaturas levantam. Basta que meia dúzia de trabalhadores, de manhã cedo, com umas pás ou utensílios do género, arrastem toda aquela terra que está depositada no cimento do pátio e esporão para cima das pedras, lavando-se, em seguida, inicialmente com a ajuda dos bombeiros, a alta pressão, uma só vez.

Nesta primeira fase o próprio pessoal camarário, de manhã cedo, lavava com uma simples mangueira o trajecto do pátio inferior da esplanada e bem assim os bancos onde o público se senta durante o dia.

Desta forma, o Município demonstrava estar atento ao turismo da terra e às regalias que o veraneante usufrui em qualquer localidade onde permanece.

Actualmente toda a gente se confunde no meio daquela densidade poluidora da atmosfera, que todos procuram para desintoxicar o organismo e,

afinal se transforma em gravemente atentória para a saúde.

HOTEL, CAFÉS, RESTAURANTES INVADIDOS PELAS POEIRAS

Tanto o Hotel «Praia Golf», de quatro estrelas, como os restaurantes, «Marisqueira», «Onda», cafés, «Esquimó», «Onda», «Golfinho» e mais duas cervejarias situadas na esplanada, são vítimas constantes da superpoluição que se processa e quem devia fazer vista grossa.

É atentória para a saúde pública - todos o reconhecem - mas ninguém ousa tomar providências, pois a quem compete, procura frequentar outros locais, para não sujar os fatos!

Já várias pessoas estão dispostas a formar-se em equipas de voluntários para impedir a progressão da poeira que é uma autêntica facada no turismo espinhense.

É uma vergonha se isto acontecer. Nós que elegemos uma Câmara para zelar dos interesses da cidade e afinal essa Câmara vira as costas ao turismo, sabendo-se que do turismo brotou o engrandecimento de Espinho e todo o seu potencial!

Ainda vale a pena sonhar

Com as mãos pousadas no colo, olhos perdidos no espaço, o rosto enrugado e trigueiro, ele lá estava sentado junto ao mar, esperando... o quê? Ele, o homem da terceira idade, que lutou uma vida inteira para conseguir dar uma vida honesta aos seus, via-se agora empurrado para um canto escuro da vida. Pergunta-se o que faz neste mundo. Sente-se um farrapo esquecido por todos. Até pelos seus próprios filhos, por quem tanto lutou e se sacrificou. O mais velho está algures na Europa procurando ganhar uns tostões, o do meio conseguiu tirar um curso superior e a filha, essa menina de olhos risonhos, que lhe fazia perguntas sobre os porquês da vida, já nada lhe indagava, mesmo nem sequer lhe falava. A sua Rosa, essa companheira das horas amargas, tinha partido para sempre. E ele, o homem da terceira idade, ficava deste lado da vida à espera da sua hora. Tantas vezes desejou que fosse bem rápida a sua passagem mas... mais um dia vinha e ele continuava a andar como que embriagado pelo tempo, pelas ruas cheias de gente apressada que tenta agarrar com as mãos todas as horas possíveis e imaginárias. Ria-se deles, «esses pobres coitados», que não sonham com o que lhes irá acontecer quando chegar a última etapa desta infernal correria contra tudo e todos. Ria-se, porque sabia que irão ficar desiludidos, porque todas as promessas que lhes fizeram não passam mesmo de promessas.

Ele, o homem da terceira idade, no ano que se diz ser para os da sua condição, ainda sonha com o dia em que poderá voltar a sentir-se GENTE, porque sabe que há quem se preocupe com ele.

M. F.

DESTACÁVEL SOBRE A MISERICÓRDIA

OBRAS DA PRAIA

Já tem os 375 metros previstos o molhe junto à Piscina

Pág. 3



Aspecto imponente do ataque ao sinistro que «acordou» Espinho no início da noite do dia 29

...E TUDO O FOGO LEVOU!

NÃO HAVIA BOCAS DE INCÊNDIO E O ARMAZÉM DA «FONTES» ARDEU MAIS DEPRESSA

Págs. 2 e 8

FÉRIAS	Passatempos & Curiosidades Sugestões
VACANCES	Information Touristique
HOLIDAYS	A special service for visitors

CENTRAIS

AD QUER GANHAR AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES NO CONCELHO DE ESPINHO

JOSÉ DIAS (*)

A AD NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

As posições que a Aliança Democrática tomou nas duas últimas sessões da Assembleia Municipal de Espinho sobre o futuro da Rua 32, parece terem surpreendido muita gente e até alguma imprensa local. Uns gostaram que a AD se assumisse finalmente e outros não.

Não admira, porque na Assembleia estão três correntes ideológicas diferentes: a AD em maioria, apenas pelo voto de qualidade do presidente da AM, tem como oposição os socialistas e os comunistas. Mas acontece que estes agrupamentos de esquerda estão em maioria na Câmara Municipal: 4 socialistas e comunistas (3 do PS e 1 da APU), contra 3 da AD. Por isso a Câmara é, em maioria, socialista-comunista, é marxista e porta-se como tal, contra a AD, os socialistas e os comunistas estão sempre juntos...

AS DIFERENÇAS VÊM AO DE CIMA

A filosofia marxista é colectivista, tutelár, materialista e, por isso, imperialista e desumana.

A filosofia da AD não é marxista porque é cristã, não é colectivista porque é personalista, não é tutelár porque é mista e por tudo isto não pode ser, nem materialista nem imperialista.

O caso da Rua 32 põs frente a frente os interesses municipais e os interesses dos seus munícipes: o direito colectivo e o direito privado. Caso singular nos últimos tempos a desafiar a capacidade de moderação, de equilíbrio e de justiça do poder local instituído. As diversas forças políticas em presença tinham de se demarcar e demarcaram-se, para serem fiéis às suas vocações ideológicas e aos seus programas partidários. A AD não aceitou o projecto colectivista da Câmara e propôs alterações no sentido do razoável, entre o colectivo e o privado. Sem prejudicar os interesses e direitos colectivos, procura minimizar os prejuízos privados. Procura como que um diálogo humano e construtivo entre a cidade e os seus cidadãos.

O projecto da Câmara é um esbanjamento inútil de superfície e de dinheiro. Quer expropriar por ter surgido uma oportunidade, inventando, depois, a necessidade. Bem diz o povo: «que a ocasião pode fazer o ladrão».

ESPINHO NO TODO NACIONAL

Demonstrando o maior desprezo pelos terrenos dos seus donos, despreza, a Câmara de Espinho, também a obrigação de todos os governantes deste país de serem comedidos na absorção e dispêndio dos dinheiros públicos.

O 25 de Abril despoletou a democratização de todo o país e não só de Espinho. Por isso, a democratização local tem de se pautar, tanto pelos planos como pelas possibilidades nacionais.

A AD em Espinho tem de acertar o passo com o governo da nação, colaborando na execução dos seus planos para melhorar o nível de vida de todos os portugueses. Tem de compreender e respeitar as prioridades nacionais e nelas enquadrar os projectos das realizações locais.

Num país pobre não se pode gastar nem projectar à rica... Já pagámos cem milhões de contos de juros e só temos lançadas as bases da democracia.

Temos o desemprego para resolver e temos o sector público a dar 300 milhões de contos de prejuízo.

Temos o problema do primeiro emprego, as empresas públicas superlotadas e as empresas privadas desprotegidas, e muitas a caminho da falência.

Não temos banca comercial privada e queremos entrar na CEE (Comunidade Económica Europeia).

Os lucros da banca nacionalizada parece que ainda continuam a sustentar a revolução, como afirmou na Televisão uma anarquista de esquerda, quando o Conselho da Revolução rejeitava, pela segunda vez, a lei da delimitação dos sectores, proposta pelo governo do dr. Sá Carneiro.

Precisamos de preparar os nossos jovens a nível europeu e não lhes damos nem escolas suficientes, nem material didáctico, nem professores à altura. Porque tudo isto custa dinheiro e nós temos é cada vez mais dívidas.

Habitação social ao alcance da maioria das classes trabalhadoras é outro dos grandes e prioritários problemas nacionais, por cuja solução a AD desesperadamente vem lutando.

Todos os portugueses têm que aceitar que o pão, o trabalho e a habitação, a saúde e a instrução, têm de ser conseguidas antes de pensarmos em avenidas. E Espinho é Portugal. Ruas que cheguem e pão e habitação que sobrem...

A AD TEM DE CUMPRIR O QUE PROMETEU

A Aliança Democrática é e será o governo de Portugal, por vontade e confiança da grande maioria dos portugueses.

Conseguida a revisão da Constituição tem de retomar e intensificar a realização da sua promessa de mudar Portugal. Mudar Portugal para melhor e para todos os portugueses sem excepção.

Despida de qualquer complexo de esquerda ou de direita, a AD tem de enfrentar a realidade nacional e conduzir os portugueses à prosperidade e à liberdade da Europa Ocidental.

Abrir Portugal aos seus empresários e os caminhos da Europa aos seus trabalhadores.

Libertar Portugal pela recuperação económica em que tem de interessar todas as forças válidas e disponíveis.

A AD tem de mudar Portugal, catalizando toda a força do capital e do trabalho. Tem de conseguir harmonizar estas duas forças fundamentais, garantindo a cada uma o respeito da outra e arbitrando os seus conflitos sempre à luz dos verdadeiros interesses dos portugueses e dos imperativos da Pátria, livre e independente que somos e que queremos continuar a ser.

Estas preocupações nacionais não podem deixar de informar e condicionar o comportamento da AD local.

PORQUE TEM BOA MEMÓRIA A AD NÃO PRECISA DE LIÇÕES

O autor destas linhas e do projecto de alternativa para a Rua 32 comprometeu-se a apresentar a memória descritiva e justificativa das alterações propostas e vai fazê-lo. Pensa mesmo dar-lhe forma pública se para isso tiver a colaboração da Imprensa local.

Podem os seus detractores chafurdarem à vontade na imunidade do insulto gratuito, falado ou escrito, em prosa ou em verso; podem continuar a cenar os espantinhos do passado, demagogicamente legendados, já gastos pelo uso e pelo tempo e mais do que ultrapassados pelas realidades que não conseguirão nem intimidar nem desviar ou confundir a AD deste concelho.

Não precisamos de lições sobre ditaduras capitalistas porque estamos a sentir e a sofrer os efeitos do capitalismo de Estado.

Não precisamos de lições sobre a PIDE porque conhecemos a existência da KGB, os seus métodos e as suas vítimas.

Não precisamos de lições sobre a censura à Imprensa e à livre expressão, porque sabemos dos hospitais psiquiátricos e das armas de morte sobre o arame farpado da cortina de ferro.

Não precisamos que nos recordem o Tarrafal, porque sabemos dos campos de trabalhos forçados para regenerar.

Não precisamos que nos lembrem o Gueto de Varsóvia de Hitler porque estamos a acompanhar o Gueto de Varsóvia de Jaruzelski, a repressão do «Solidariedade», a neutralização de Lech Walesa e sobretudo a fome e a miséria do povo polaco.

Não vale a pena acenarem o espantinho da cruz gamada de Auschwitz, Dachau, Mauthausen ou Treblinka, porque acompanhemos a continuação dos seus horrores pela guerrilha alimentada pela União Soviética, organizada e comandada pelo fanático Arafat que, em tirania, pede meças ao esquizofrénico ditador nazi.

Não precisamos que nos contem vítimas do imperialismo czariano, porque conhecemos o número dos que tombaram às mãos do ditador Estaline e da sua revolução «socialista»...

MN não precisamos, nem de lições, nem de lembranças dos salvadores do povo cá da terra, nem dos pregoeiros do socialismo de miséria.

Continuaremos a lutar contra a pobreza e não contra a riqueza. Continuaremos a lutar contra a ignorância, a favor do conhecimento, da instrução e da cultura. Continuaremos a lutar contra a libertinagem, a favor da liberdade. Continuaremos a lutar pela ordem, contra a desordem, contra os doentios e sectários bairristas locais ou regionais, por um Portugal uniforme, culto, próspero, democrático e livre.

PRÓXIMAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS E UNIDADE NA ALIANÇA DEMOCRÁTICA

Aproximam-se as eleições autárquicas e ninguém tem o direito de estranhar que a AD local comece a reunir armas e bagagens para a luta política que se aproxima.

Cumpra-nos disputar com os nossos adversários a posse do poder local.

Vamos fazê-lo em todos os terrenos onde o adversário esteja e nos desafie.

Só por solidariedade partidária temos mantido uma barragem de cobertura a alguns dos nossos correlegionários que esperavam a tivessem aproveitado para uma retirada airosa e estratégica. Para aprenderem na derrota e começarem a vencer.

Não daremos mais tréguas ao adversário só para não atingirmos alguns dos nossos. E pensamos muito mais do que o que dizemos!

A luta impõe-se e o tempo urge.

Se atingirmos algum companheiro, será por se ter aproximado excessivamente das linhas adversas.

E no ardor poderemos ter dificuldades em distinguir a ousadia da cobardia ou a insensatez da traição.

Ainda não deixamos mortos no terreno de batalha que já perdemos. Mas, nunca fomos, nem iremos buscar nenhum ao terreno do adversário.

Como democratas que somos, não negamos a ninguém o direito de morrer quando, como e onde quiser. E também queremos confessar muito democraticamente que queremos ganhar as próximas eleições autárquicas no concelho de Espinho.

(*) Deputado municipal do grupo da Aliança Democrática de Espinho.

O SINISTRO NO ARMAZÉM DA «FONTES»

SE BOCAS DE INCÊNDIO EXISTISSEM MELHOR SE COMBATERIAM AS CHAMAS

Não é verdade que Manuel Fontes tenha recebido um telefonema anónimo a anunciar o incêndio que pelas 22 horas de quinta-feira deflagrou num armazém que lhe estava alugado contíguo à unidade fabril que explora — apurámos junto de colaboradores do industrial. Fica assim destruído o boato que no local, e na altura do incêndio, correu e que, a ser verídico, levaria a concluir tratar-se de fogo posto. Para já, são desconhecidas as causas do incêndio, que destruiu praticamente todo o armazém.

Verdade é sim que no local

não existe qualquer boca de incêndio o que dificultou o combate às chammas e obrigou os bombeiros locais a pedir a colaboração de oito corporações de fora, que ali acorreram com os seus autotanques. Com efeito, para além dos Bombeiros de Espinho e Espinhenses, combateram o incêndio as corporações de Aguda, Carvalhos, Esmoriz, Lourosa, Arrifana, S. João da Madeira, Gaia e Vila da Feira.

Valêu na circunstância um poço particular, pertença do próprio Manuel Fontes, a 50 metros de distância, e a ribeira de

Silvalde, a 100/150 metros, para além dos autotanques.

É inadmissível que numa zona industrial não existam bocas de incêndio. Já não bastava esta ter sido implantada na zona que, no futuro, será o centro da cidade. Estes foram, aliás, motivos de comentários de muitas das centenas de pessoas que acorreram ao local, algumas traídas apenas pela espectacularidade do sinistro, outras porém, levando leite para desintoxicar os bombeiros, correspondendo a apelos nesse sentido. De registar, neste aspecto, a colaboração da

Banda do Cidadão («Alfa Stars») que prestaram a sua colaboração solicitando a comparência dos bombeiros da região e leite.

Os prejuízos provocados no armazém são incalculáveis. Para além da destruição da cobertura e de fendas nas paredes, perdeu-se quase todo o material armazenado (carpetes e tapetes, que seriam exportados no dia seguinte para a Suécia, Bélgica, RFA e Itália), matérias-primas e acessórios diversos. Só meia dúzia de carpetes foram retiradas do armazém a tempo.

O armazém é pertença de

Manuel Ferreira do Couto e está alugado à firma de Manuel Fontes.

Os bombeiros, alguns dos quais combateram as chammas quase até ser dia, conseguiram evitar que as chammas atingissem a Sinorgan e outra indústria, onde havia produtos altamente inflamáveis.

Contudo, o facto em si de o material de tapeçaria incluir cola e borracha dificultou bastante a extinção do incêndio, originando aliás, que vários bombeiros tivessem de ser socorridos no hospital por intoxicação.

Neste incêndio, a «magirus» dos Espinhenses colaborou no combate às chammas do lado sul do armazém, onde as chammas lavraram com mais intensidade. Juntamente com um canhão de água dos Bombeiros de Arrifana, aquela frente foi aguentada, repartindo-se o restante material pelas outras frentes.

Convém a propósito referir que, por ocasião do incêndio verificado na «Progresso», no mês passado, a «magirus» não colaborou no ataque ao incêndio, porque o incêndio era interior e o seu uso não seria eficiente.

EMPRESA ÍMPAR NA CIDADE

«Corpus Corretora Portuguesa de Seguros» vai ser mais uma empresa a instalar-se na nossa cidade. Só que desta vez Espinho vai passar a dispor de uma empresa grandiosíssima, como ainda não há a nível nacional.

Isto e muito mais conseguimos apurar de fonte fidedigna. É já sabido que tal empresa será uma grande corretora de seguros e a sua sede social será

no 1.º andar do novo edifício situado no gaveto das Ruas 12 e 19, edifício esse pertença do conhecido comerciante local Daniel Iglésias.

Tanto a electricidade como a água foram já encomendadas aos Serviços Municipalizados de Espinho e a respectiva escritura notarial, que não pôde ser lavrada em Espinho, terá sido feita no Cartório Notarial da Vila da Feira.

Largo capital nacional e estrangeiro vai ser investido na grande corretora de seguros, e que se cifrará por dezenas de milhares de contos.

Finalmente, soubemos ainda que estão ligados à «Corpus Corretora Portuguesa de Seguros» elementos preponderantes da vida nacional, com vários investidores oriundos do Porto, Aveiro, S. João da Madeira e outras localidades.

BREVES

PATRONATO DA DIVINA PROVIDÊNCIA

A partir de 1 de Setembro de 1982 o Patronato da Divina Providência terá ao seu serviço quatro educadoras de infância e uma assistente social, para fazerem a cobertura das cinco salas por escalões etários: uma sala de 3 anos, uma de 4 anos, e uma de 5 e A.T.L.

PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES

No presente mês encontra-se aberto o cofre da Tesouraria da Fazenda Pública de Espinho para o pagamento da contribuição industrial (grupos A e C) relativa a 1981.

O pagamento da contribuição industrial do grupo A será efectuada durante o mês de Agosto, em prestação única, após o que fica sujeito a juros de mora. Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição sem que se mostre efectuado o pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

A contribuição industrial do grupo C será paga em duas prestações com vencimento em Agosto e Novembro se o montante for igual ou superior a 2 mil escudos. As

colectas inferiores a 2 mil escudos serão pagas por uma só vez no mês de Agosto. Não sendo paga qualquer das prestações ou a totalidade da contribuição no mês de vencimento, começarão a correr juros de mora. Passados 60 dias haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da totalidade da contribuição, considerando-se vencidas para o efeito as prestações ainda não pagas.

ENTRADA DE ASSINANTES NÃO PÁRA

«Defesa de Espinho» continua, diariamente, a registar a entrada de novos assinantes que vêm aos poucos engrandecendo a grande família que já somos.

Faça como os srs. eng. Joaquim Capela (Espinho), Aurélio J.F.D. (Espinho), Manuel Fernando Loureiro (Paramos), Abel dos Santos Cabeleira (S. Félix da Marinha), Joaquim Soares Guimbra (África do Sul) e António de Oliveira Carvalho (África do Sul), que acabam de entrar para nossos assinantes.

Envie-nos 400 escudos em dinheiro, cheque ou vale de correio e receba em sua casa, comodamente, durante 52 semanas, o nosso jornal. E, já agora indique um amigo que possa ser também nosso assinante. A vantagem, verá, será sua.

EM SILVALDE

ALEXANDRA NA FESTIVIDADE DO SENHOR DO CALVÁRIO

SILVALDE - A festa em honra do Sr. do Calvário realiza-se mais uma vez em Silvalde. Esta festa consta de um vasto programa, dividido em quatro dias.

Dia 7 - Às 21h30, actuação do rancho de S. Romão do Coronado e do rancho da Casa do Povo de Águeda.

Dia 8 - Começam as cerimónias religiosas. Presente a Banda Musical de S. Tiago de Silvalde e a Fanfarras de Matosinhos-Leça; às 20h30, variedades com Alexandra, Duo Ouro Negro e Augusto Fernandes.

Dia 9 - Às 21h30, actuação dos conjuntos Bossa Nova e Élio Miranda.

Dia 10 - Às 21h30, programa surpresa.

CURSO DE SOCORROS EM SILVALDE

A Direcção-Geral da Educação de Adultos, através do Curso de Educação Base de Adultos de Silvalde e em colaboração com a Junta de Freguesia, vai levar a efeito um Curso de Primeiros Socorros, para o que conta com o apoio e colaboração do Núcleo da Cruz Vermelha de Espinho.

Tendo em atenção o elevado interesse de um Curso de Socorros quer a nível individual quer a nível de toda a Comunidade é de esperar uma grande adesão de silvaldenses a esta iniciativa.

Para tal prestam-se todas as informações e aceitam-se inscrições na Sede da Junta de Freguesia, de segunda a sexta-feira, das 19 às 21 horas, até ao dia 14 de Agosto.

OBRAS DA PRAIA

ESPORÃO 1: 375 METROS

O comprimento total da obra 1 ou esporão da Piscina, integrado nas obras de defesa e recuperação das praias de Espinho, foi atingido a passada semana, ao serem completados os 375 metros que o compreendem.

Foi no passado mês de Março que se iniciou a construção deste molhe, situado mesmo em frente ao Hotel «PraiaGolfe». Tendo arrancado debaixo de condições atmosféricas favoráveis o seu prolongamento avançou em ritmo agradável, tendo os 375 metros sido alcançados depois de escassos cinco meses.

O ter atingido o seu comprimento total não significa que o molhe esteja acabado. A partir de agora irá ser feito o reforço em torno da sua totalidade, reforço esse que vem sendo já executado há cerca de um mês. Este reforço implica a colocação de tetrápodes, que serão cerca de setecentos. Posteriormente será a última fase com a colocação de 24 cubos pré-fabricados ou «caixotões», após o que será dada por terminada.

Muita coisa se tem aventurado durante a cons-

trução das obras de defesa da costa de Espinho. Uma das mais caricatas é o de, diariamente, pessoas, muitas das quais espinhenses, continuarem a pensar que o molhe 1 irá ser prolongado mais para sul, de modo a que quase se aproxime do molhe 2 (obra do «Brandão Gomes»), deixando apenas uma pequena entrada para o mar banhar a zona ribeirinha de Espinho. Outro facto que trás as pessoas equivocadas é constantemente se ouvir que dentro de meses teremos um enorme areal no centro da cidade, quando é por demais sabido que o assoreamento do areal demorará alguns anos, havendo quem diga mesmo mais que dez.

Enfim, agora entrados em pleno mês de Agosto, o mês por excelência para qualquer centro veraneio-turístico como Espinho, não mais teremos a «invasão» dos camiões transportando a tão preciosa pedra, de uma utilidade única para «deitar ao mar». Também a maldita poeira, que se fez sentir nestes últimos tempos na «sala de visitas» da cidade, que é a esplanada frontal à praia, deixará de se sentir com maior frequência, pois só de vez em quando por mero acaso algum. camião ali poderá passar.

PRETENSÕES

NASCIMENTOS - José Manuel, filho de Manuel Pereira e de Maria Manuela, no dia 30 de Maio.

Vera Mónica, filha de Joaquim Pires e de Adelaide Maria, no dia 28 de Junho.

Sofia Madalena, filha de Manuel Tomé e de Maria Madalena, no dia 5. Vânia Marisa, filha de João Remelgado e de Maria Teresa, no dia 13. Marina Soares, filha de Antero Soares e de Esperança Montóia, dia 14. Carlos Marcelino, filho de Henrique Tavares e de Maria da Graça, no dia 17. Susana Patrícia, filha de Manuel Neves e de Maria Fernanda, no dia 21. Sérgio Manuel, filho de Alfredo Moreira e de Maria Flávia, no dia 21. Bruno Manuel, filho de Duarte Teixeira e de Maria da Conceição, no dia 22. Vera Lúcia, filha de Mário Pardilhó e de Ana Maria, no dia 22. Rui Miguel, filho de Nicolau Silva e de Maria Helena, no dia 23. Lígia Alexandre, filha de Arlindo Ferro e de Maria Fernanda, no dia 24. Andreia Goretti, filha de Manuel Carvalho e de Maria Goretti, no dia 25. Paula Alexandra, filha de Adriano Cunha e de Maria Eugénia, no dia 25. Filipa Alexandra, filha de Alexandrino Fazendeiro e de Rosa Maria, no dia 27, todos em Julho.

CASAMENTOS - Joaquim Ramos Pires, de 22 anos e Adelaide Maria Ferreira, de 18, no dia 20 de Março.

António Quintas, de 26 anos e Lúcia Pereira, de 27, no dia 24. Júlio Guedes, de 26 anos e Lucília Antunes, de 28, no dia 24. Júlio Costa, de 27 anos e Grácia Mourão, de 22, no dia 25, todos em Julho.

ÓBITOS - Francelina Pereira Duarte, de 76 anos, viúva de Inácio de Oliveira, no lugar do Rameiro, Guetim, no dia 25 de Julho.

CASOS

ROUBOU UMA MALA CHEIA DE ROUPA MAS LEVOU-A RECHEADADA DE AÇÚCAR E BACALHAU

Porque era dia de feira semanal na cidade, Manuel Pinheiro dos Santos, de 34 anos, casado, pintor da construção civil, residente na Rua de Sendim, 1113 r/c, em Matosinhos, resolveu vir até Espinho onde, por intermédio de chave falsa, furtou uma mala de viagem. Esta encontrava-se no interior da viatura automóvel, matrícula RR-35-57, marca «Renault», pertencente a José António Loureiro da Costa, de 29 anos, casado apontador metalúrgico, residindo acidentalmente na Rua 7 n.º 559. Após o furto, praticado em frente à «VIC», esquina das Ruas 15 e 62, o malandrim resolveu dirigir-se até às proximidades da sede do PC, onde num dos contentores do lixo, instalados na Rua 11, despejou o recheio da mala que

constava de roupas de senhora, de homem, de criança e de outros artigos de vestuário.

De seguida o Manuel Pinheiro resolveu operar uma adição a esta subtracção, o que aconteceu ao encher a mala de embalagens de açúcar, com o peso de 12 quilogramas e ainda um bom «fiel amigo» que pesava um quilo e meio. Tendo em vista a viagem de regresso à sua terra natal aquele «mágico», depois de ter «transformado» a mala de vestidos em mala de alimentos, dirigiu-se à estação dos Caminhos de Ferro. Já quando se preparava para tomar a composição ferroviária, eis que surge o legítimo dono da mala que solicitou a intervenção das autoridades policiais.

Resultado, o falso «ilusionista» foi capturado e entregue ao Juiz de Instrução Criminal.

ASSALTO NA «JAPÃO RÁDIO» À BOA MANEIRA AMERICANA

Quatro da manhã, heil! Cidade deserta. No interior de um estabelecimento comercial, na Rua n.º 10, conhecido por «Japão Rádio», o seu proprietário trabalhava afincadamente a pensar no amanhã.

De repente, cinco da manhã, heil, e eis que aparece um «filho da noite» reclamando:

- Passe para cá a nota!
- Não tenho dinheiro nenhum! - terá respondido o pro-

prietário, Óscar de Oliveira Lopes.

Porém o desconhecido não embalou na história e puxou de pistola, impondo:

- O dinheiro ou a vida?

E lá foi o dinheiro, enquanto Óscar Lopes ficou sem saber quem seria o autor deste «filme», realizado tal e qual «à boa maneira americana».

O proprietário, entretanto, fez a respectiva participação na Polícia e esta move todas as tentativas para descobrir mais um assalto, não por arrombamento, nem por meio de chave falsa, mas por intimidação o que é um caso raro, na cidade de Espinho, e que foi alvo dos mais disparatados comentários.

Como vai de conhecimentos?

1 - O episódio correu célebre lá pelas alturas de Março deste ano. Tudo começou quando o PCP apresentou na Assembleia da República um projecto de lei visando a despenalização do aborto. Muitos o apoiaram, muitos o contestaram. Entre estes últimos contava-se o deputado centrista João Morgado que, numa argumentação extremamente infeliz, foi para a tribuna defender o acto sexual apenas para procriação.

O deslize morgadino não escapou na bancada social-democrata, tendo um dos deputados deste grupo parlamentar redigido o poema que se segue, como forma de premiar a asneira: «Já que o coito - diz Morgado / Tem como fim cristalino / Preciso e Imaculado / Fazer menina ou menino; / E cada vez que o varão / Sexual petisco manduca / Temos na procriação / Prova de que ouve truca-truca, / Sendo pai só de um rebento / Lógica é a conclusão / De que o viril instrumento / Só usou - parca razão! - / Uma vez. E se a função / Faz o órgão - diz o ditado - / Consumada essa operação / Ficou capado o Morgado».

Quem foi o autor de tão oportuno poema?

- A. Sousa Tavares
- B. Natália Correia
- C. Manuel Pereira

2 - Quantos jornais têm a sua sede em Espinho?

- A. Quatro
- B. Três
- C. Dois

3 - O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos. Quem o descobriu foi...

- A. Pitágoras
- B. Wagner
- C. Pedro Nunes

4 - Diz-se que numa freguesia do concelho de Espinho existe um castro. Qual é essa freguesia?

- A. Paramos
- B. Guetim
- C. Anta

5 - A Associação Comercial de Espinho cobre os seguintes concelhos:

- A. Espinho
- B. Espinho, Feira, Castelo de Paiva e Arouca
- C. Espinho e Feira

6 - Nasceu da nacionalização do grupo empresarial CUF - Companhia União Fabril. Está sediada no sul de deu lugar à...

- A. Hércules
- B. Urfic
- C. Quimigal

7 - «Espinho. Boletim Cultural», é uma publicação da Câmara Municipal de Espinho. Quem é o seu director?

- A. Furriel Ruano
- B. José Fonseca
- C. Azevedo Brandão

8 - «Não será assi, porque, antes que chegado / Seja este Capitão, astutamente / Lhe será tanto engano fabricado, / Que nunca veja as partes do oriente. / Eu decerei à terra e o indignado / Peito revolverei da Maura gente; / Porque sempre via irá direita / Quem do oportuno tempo se aproveita». Trata-se de um extracto de um livro de

- A. Florbela Espanca
- B. Bocage
- C. Luís de Camões

9 - É um documento comercial que comprova que uma factura está liquidada. Como se chama

- A. Nota de Crédito
- B. Balancete
- C. Recibo

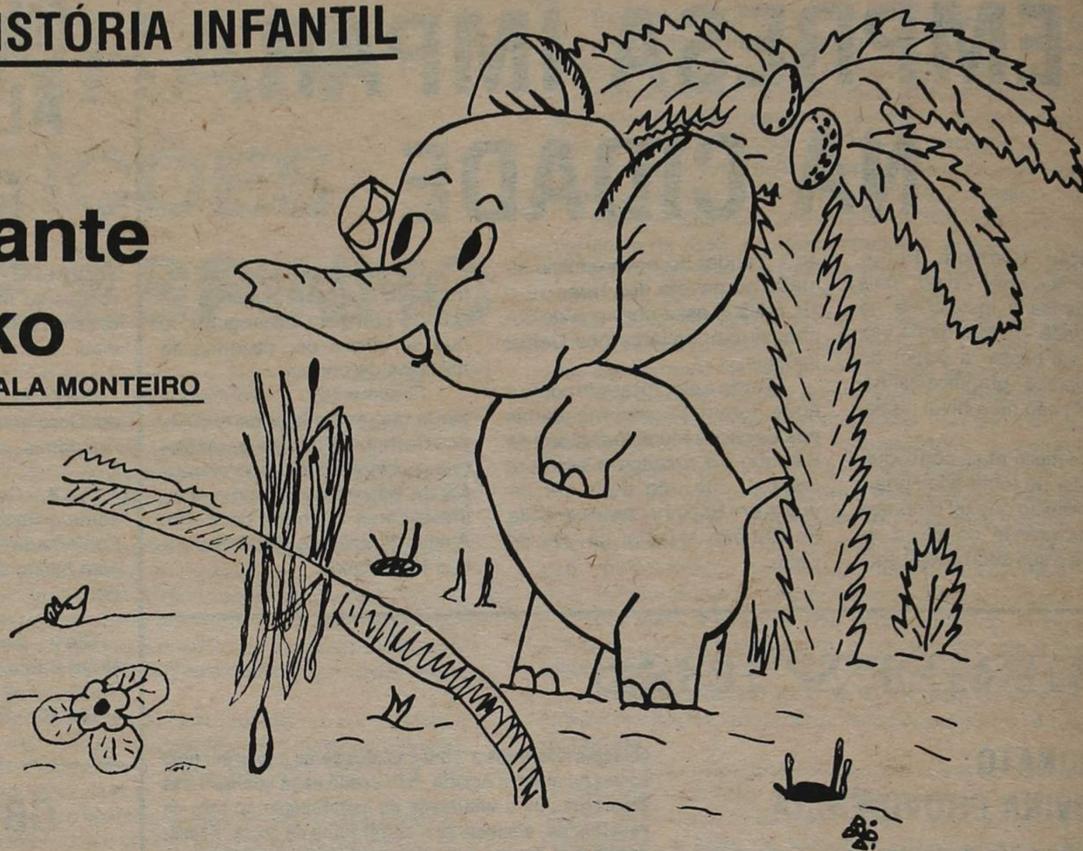
Soluções: 1, B; 2, B; 3, A; 4, A; 5, B; 6, C; 7, C; 8, C; 9, C;

HÁ MAR E MAR
HÁ IR E VOLTAR

UMA HISTÓRIA INFANTIL

O elefante Tarko

AYALA MONTEIRO



A Elefândia parecia abandonada. Todos tinham ido passear. Apenas o pequenino Tarko, um elefante coxo e triste, dormia na margem esquerda do rio. Ninguém gostava dele. Diziam que Tarko não sabia fazer nada, nem sequer correr.

De repente, um estrondo percorre a floresta.

Tarko acorda assustado. Abana as orelhas e levanta a cabeça. Do outro lado do rio sai uma fumarada por entre as árvores. O que será? Um incêndio? Mas porquê tanto barulho?

Depois de as manchas cinzentas se espalharem, Tarko vê um

avião com as asas partidas e a carlinga esmagada. Ergue a tromba e pede socorro.

- Ué, ué, ué...

«O que é isto? Um bebé a chorar!», exclama Tarko, que saltita todo furioso por ninguém o ouvir nas redondezas.

Põe-se de pé nas três patitas, toca com a tromba na água, mas não sabe se será capaz de nadar. Entre o lamento: «Ai, se não fosse a maldita pata...», o choro do bebé e as chamadas que alastram, o elefantinho decide mergulhar. Utiliza as orelhas como barbatanas e nada com todas as forças.

Começa a faltar-lhe a respiração, mas não desiste, nadando com a tromba de fora para tirar maior rendimento do movimento das orelhas.

Finalmente, Tarko chega à outra margem. Enquanto se aproxima do avião, atira areia para o fogo em volta.

Apoia-se num ramo partido, arromba a porta do piloto e enfrenta as chamas. Guiado pela choroadeira do bebezinho, descobre-o e solta-lhe o cinto de segurança. Os outros passageiros estavam mortos.

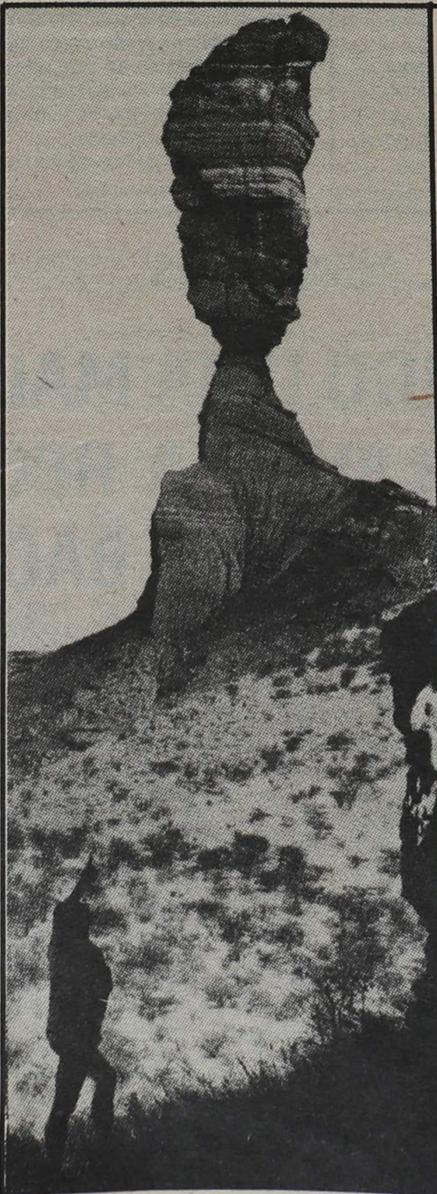
Apesar de estar cansado, Tarko tem de atravessar outra

vez do rio porque o fogo não pára e o avião pode explodir. Enrolado na tromba, o bebé é salvo.

Ao entardecer, os pais de Tarko e os outros elefantes regressaram à Elefândia.

Perguntaram, perguntaram, perguntaram. Quanto mais Tarko explicava como nadara tão bem, mais queriam ouvir os pormenores da acção de salvamento.

Desde aquele momento, todos passaram a respeitar e a brincar com o pequeno Tarko, porque, embora pudessem servir-se das quatro patas, não sabiam se teriam a mesma coragem que ele.



FINGER ROCK

O «Mukarob» (Dedo de Deus) no Asab, na região meridional do Sudoeste Africano, é um dos mais conhecidos fenómenos naturais da área. Menos conhecido mas igualmente impressionante é o Finger Rock, na propriedade de C. J. van Vuuren, em Bertram, cerca de 370 quilómetros para Norte de Windhoek.

Para lá chegar, há que seguir uma estrada alcatroada da capital para Outjo, a 320 quilómetros de distância. A partir daí segue-se uma estrada de cascalho que vai para Leste, em direcção a Welwitchia; e é nesse caminho que um poste de sinalização indica a direcção do Finger Rock, situado num mundo de árvores variadas: mopanis, amorongas e espinheiros.

O Finger Rock eleva-se para Norte, no Vale do Ugab, e foi criado pela natureza com o grés multissecular do Calahari. O rochedo eleva-se para o céu cerca de 18 metros e domina por completo toda a anhara que o cerca.

Sob um sol impiedoso, a formação rochosa de um castanho dourado ergue-se como sentinela sobre a vegetação rasteira - envolta num silêncio que só é quebrado pelos sons confusos da anhara.

panorama
DEFESA x ESPINHO

DEFESA DE ESPINHO

Parte integrante

da edição n.º 2627

de 5 de Agosto de 1982

A sua distribuição separada

será gratuita

DESTACÁVEL

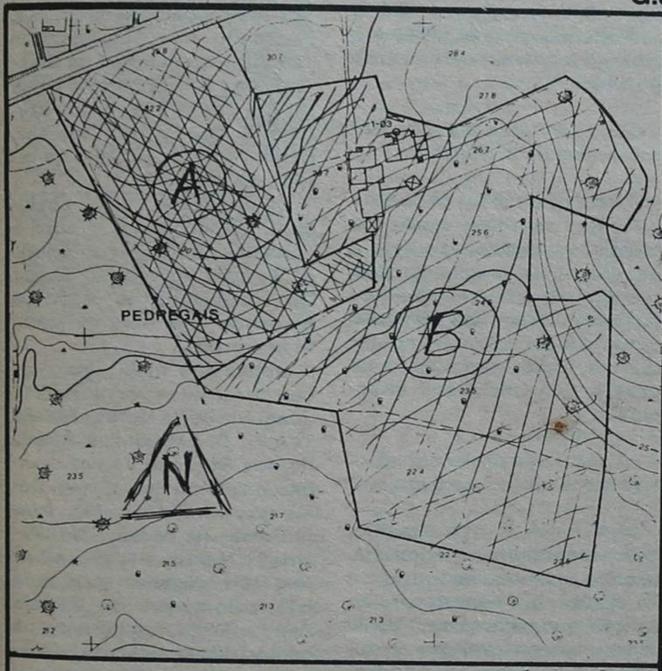
ASSINALAR COM ACTOS O ANO DO IDOSO

Por si só, o Ano do Idoso constituía para nós uma obrigação de dedicar o maior espaço à instituição que mais tem trabalhado em Espinho pela Terceira Idade — a Santa Casa da Misericórdia de Espinho.

Mas, aliado a isso, um outro motivo nos levou à realização deste destacável: sensibilizar os leitores para ajudarem a custear o grande sonho da Misericórdia, a construção do lar de idosos de Pedregais, que envolve um dispêndio de 70 mil contos.

Lido o trabalho com a atenção que merece, nos leitores cairá o dever moral de ajudar esta obra da qual ninguém pode dizer que não precisará. E será uma forma de assinalarmos, não só com palavras mas com aquilo que é mais importante — os actos — o Ano do Idoso.

G.J.



A — Terrenos onde está a ser implantado o lar de idosos
B — Terrenos destinados a zona de lazer



MENSAGEM DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA AO POVO DE ESPINHO

Misericórdia é palavra transportada na bolsa do vocabulário de toda a gente. Usam-na os ricos, os pobres e os miseráveis; os morais, os amorais e os imorais; os dignos e os indignos; os fascinados, os transgressores e os inocentes; os políticos, os apolíticos e os impolíticos; os inteligentes e os que não têm que agradecer a Deus a inteligência com que foram dotados, se não puderem compreender que o seu grau de inteligência poderia ser menor. Todos a usam, todos a empregam, mas só a compreendem os que a invocam, sentindo-a, e nos momentos em que a sentem.

Indiferentemente, todos falam de Misericórdia, sobretudo quando lhes convém. Por isso a chamar a atenção dos homens para o fenómeno do desfazimento existente entre a conduta de cada um e o generalizado emprego da palavra, Sua Santidade o Papa João Paulo II, na sua recente visita a Portugal, muitas vezes chamou a atenção dos seus milhões de auditores para Nossa Senhora da Misericórdia, esquecida de quase toda a gente.

Misericórdia não é só caridade. É amor, na mais ampla e expressiva significação da palavra. É cada um amar-se e amar os outros como a Deus.

Sabemos quanto esta prática é difícil. Por isso compreendemos o afastamento cada vez maior da doutrina de Cristo, à medida que o Mundo corre sobre a sua enunciação.

Mas há quem se aproxime dela e procure aproximar dela o seu semelhante.

A Santa Casa da Misericórdia de Espinho, consciente das responsabilidades que sobre os seus membros impendem, luta para prosseguir os seus fins, que mais não são do que praticar, difundir e ensinar Misericórdia e pedir a todos que colaborem na sua prática misericordiosa.

Tem a Santa Casa da Misericórdia de Espinho um passado curto, de que se orgulha.

Criada em 1917, sob a denominação de Associação de Assistência aos Pobres de Espinho, depressa estendeu a sua actividade assistencial aos pobres de Espinho, que então eram confrangedor número, chegando a distribuir milhares de sopas e de subsídios. Não parando aí, criou um posto de enfermagem, que foi durante muitos anos o único apoio de saúde às classes menos favorecidas.

Passando em 1937 a denominar-se Santa Casa da Misericórdia de Espinho, a Instituição manteve o seu posto de socorros, instalou em Espinho um posto para radiografias e, depois, um Hospital na Rua 8, que veio a deixar de funcionar em Julho de 1957, quando a Misericórdia acabou a construção do novo e actual Hospital Concelho de Espinho, denominado de Nossa Senhora da Ajuda, e que passou a ser explorado pelo Estado logo após o 25 de Abril de 1974.

Admitindo-se a divergência sobre a maior ou menor eficiência do Novo Hospital, o certo é que o denominador comum da opinião pública espinhense sempre convergiu no sentido de reconhecer a inestimável utilidade do Hospital da Misericórdia para Espinho e para as populações circunvizinhas, durante dezenas de anos.

E poucos sabem os sacrifícios que foram precisos às sucessivas Mesas para manter o Hospital em condições de servir. Poucos, muito poucos sabem que muitos mesários, para manter o Hospital em condições de servir, como serviu, se empenharam pessoalmente junto de fornecedores, como poucos sabem o que representou de dedicação desinteressada a actuação de alguns médicos e outros colaboradores.

Com a nacionalização da exploração do Hospital pelo Estado, a Misericórdia voltou-se para outros meios assistenciais, nomeadamente para a Terceira Idade.

Tem a funcionar um Centro de Dia, com 35 utentes, na Rua 4, esquina da Rua 33, e um Lar, com 10 utentes, na Rua 14, ambos instalados em prédios da Santa Casa.

E tem em curso a grandiosa obra do Novo Lar para Idosos, em construção no lugar de Pedregais, Ponte de Anta, cuja 1.ª fase, adjudicada por 18 mil contos, terminará em Março do próximo ano, e que no seu conjunto importará em mais de 70 mil contos.

Embora tenha recebido do Estado 8.000 contos para a 1.ª fase e da Solverde cerca de 16 mil contos para a obra, o custo global exige o empenho de todos os espinhenses.

A obra que está a realizar-se precisa da colaboração de todos os espinhenses e não há espinhense algum em condições de afirmar que não virá a precisar dela.

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia apela para todos os espinhenses no sentido de obter a sua colaboração monetária, pessoal, e humana.

Trata-se de erguer uma obra ímpar no concelho de Espinho.

E depois de a erguer, é preciso mantê-la. Estas aspirações só serão possíveis com a ajuda de todos.

A Mesa da Santa Casa vai percorrer Espinho porta a porta, apelando para os sentimentos de Misericórdia de todos os espinhenses, sem excepção.

Pedirá um subsídio para a obra e a inscrição como sócio para a sua manutenção.

E tudo se construirá, com a ajuda de todos. Isso se pede, espera e agradece.

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Espinho

AMADEU MORAIS AO NOSSO JORNAL

MISERICÓRDIA: «UMA MISSÃO INGRATA» — A DE REALIZAR UM SONHO CHAMADO LAR DE IDOSOS

Toda a gente conhece o dr. Amadeu Morais, actual provedor da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, nessa qualidade entrevistado pelo nosso jornal.

Nascido em Espinho em 5 de Novembro de 1920, viveu sempre ligado aos problemas da sua terra.

Passou pelo Sporting Clube de Espinho onde, ainda estudante liceal, foi jogador de futebol e, mais tarde, presidente da Assembleia Geral. Estudante liceal ainda, foi fundador da Associação Académica de Espinho, servindo-a em várias direcções e tendo sido uma das figuras deci-

sivas na construção do pavilhão que a Académica possui. Foi vários anos presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários Espinhenses. Criou e manteve o Centro Cultural Dr. Manuel Laranjeira e, durante anos, e por duas vezes, foi director do nosso jornal onde, enquanto escreveu, deixou vincada a sua personalidade e o seu interesse pelas coisas da terra.

Politicamente foi sempre um homem de oposição ao regime que precedeu o 25 de Abril, intervindo em todas as manifestações, candidatando-se a deputado pela Oposição em 1957 pelo

Porto, e subscrevendo e alimentando até final a candidatura do general Humberto Delgado.

MISERICÓRDIA NASCEU NA ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AOS POBRES

DEFESA DE ESPINHO — Conhecida a sua militância de tantos anos de vida política oposicionista local e nacional, não resistimos a perguntar-lhe, em jeito de preâmbulo, se deixou de ser político e porquê.

AMADEU MORAIS — O senhor quis entrevistar-me sobre a Santa Casa da Misericórdia. Gostaria que as suas perguntas incidissem apenas sobre o assunto que o trouxe junto de mim. Mas gosto de ser claro e dou-lhe a resposta. O homem é um animal político. Nunca deixei de ser político. Não milito porque não sirvo para esta política ou esta política não serve para mim. Entenda quem quiser.

«DE» — Como entrou para a Misericórdia?

«AM» — Nada fiz para entrar na mesa da Misericórdia. Entrei nela



Dr. Amadeu Morais, actual provedor da Misericórdia de Espinho

para sanar uma crise, enfrentando responsabilidades superiores às minhas forças. As pessoas que me abordaram e solicitaram sabem bem que é assim. E a mesa que me rodeia, perfeitamente consciente de que é assim, multiplica-se em esforços para, em perfeito entendimento, fazer navegar o barco para a frente, sem hesitações.

Acedi aos pedidos que me fizeram para entrar na Misericórdia por entender que ainda vale a pena trabalhar por uma obra séria e útil.

(Cont. página seguinte)

«NÃO HÁ UMA OBRA SÉRIA NA VIDA QUE SEJA FÁCIL E TUDO ESTÁ EM VENCER OS OBSTÁCULOS»

(Cont. da página anterior)

— Começando pelo princípio, pode falar-nos da vida passada da Misericórdia?

— Difícilmente. Em bolandas de prédio para prédio e mais preocupa com actuar do que com escrever e conservar s escritos, os dirigentes e o pessoal deixaram extraviar papéis e livros de actas que possibilitariam a recstituição de tudo o que se passou até aos nossos dias. Faltam os três primeiros e os últimos livros de actas da Associação de Assistência aos Pobres de Espinho e os de Misericórdia relativos a momentos essenciais da sua vida, nomeadamente os que respeitavam à construção do actual Hospital e sua manutenção durante largos anos.

Mas a reconstrução possível deve fazer-se. E eu não me subraio à colaboração prestável, com algumas pinceladas históricas. Outros, depois de mim, ou eu próprio, se tiver tempo, encontraremos o muito que falta.

A Associação de Assistência aos Pobres de Espinho foi criada em 24 de Fevereiro de 1977, por iniciativa do dr. José de Barros e Sousa, juiz de Direito da Vila da Feira, grande amigo e frequentador de Espinho, onde viveu muito tempo. Juntaram-se-lhe e sucederam-lhe no tempo nomes que durante anos serviram como dirigentes e colaboradores da Associação e que à Assistência em Espinho prestaram serviços inestimáveis. Com a certeza de falhas, por carências de elementos, invoco António Gonçalves Rodrigues, Francisco Resende, general António Augusto de Oliveira Guimarães, Alberto Camacho, dr. António Pinho, dr. José Correia Marques Junior, Eurico Pousada, Francisco Alves Vieira, Abílio Pinto de Almeida, D. Zulmira Dias e engenheiro Ricarde Galoso.

Os seus estatutos iniciais foram aprovados pelo alvará n.º 777, de 24 de Agosto de 1917, e alterados em Assembleia Geral de 22 de Agosto de 1927, com aprovação do governador civil de Aveiro de 10 de Maio de 1928, entrada em vigor em 22 de Julho de 1928 e ainda em Assembleia Geral de 1 de Março de 1935, aprovada pelo governador civil de Aveiro em 22 de Maio de 1935. A sede social era na Rua 16 n.º 113.

Tendo começado por distribuir refeições a pobres, aos milhares por mês, dispunha de um fundo geral e, entre outros, de fundos para alimentação, para vestuário, para construções, para guerra à sífilis e para para a luta contra a tuberculose.

Começou por ter uma cantina e um posto de socorros onde fazia curativos e aplicava injecções.

TRISTÃO ALMEIDA
— O PRIMEIRO
PROVEDOR

— Em 10 de Dezembro de 1927, com dinheiro em grande parte proveniente de uma

subscrição aberta em 1925 e 1926, para os sinistrados do ciclone, pelo «Diário de Notícias» e entregue por este jornal para a construção de casas, construí o Bairro «Diário de Notícias», que compreende todas as 12 casas edificadas no quarteirão das ruas 2, 4, 31, e 33, de Espinho.

A construção deste Bairro veio a provocar grandes incompreensões, oriundas do meio piscatório e de certa empresa mal informada. E veio a exercer decisiva influência na transformação da Associação de Assistência aos Pobres de Espinho em Misericórdia.

No mesmo terreno e na mesma altura, projectou a Associação de Assistência aos Pobres de Espinho construir um asilo para inválidos, uma creche para crianças, uma escola e cantina. Esta foi a deliberação de 10 de Dezembro de 1927. E chegou a ser elaborado projecto de tudo, cujo arquitecto foi o sr. tenente Queirós.

Não se lançou a primeira pedra. As obras foram iniciadas em 1928, logo que chegaram a Espinho duas máquinas importadas pela Associação com isenção de direitos, para construir blocos de cimento. E, embora o asilo, a creche, a escola e a sede não passassem ou pouco passassem do projecto, as casas ficaram concluídas em 2 de Junho de 1931 e foram batizadas com o nome, que ainda que ainda hoje têm, de Bairro «Diário de Notícias».

Desde a sua fundação até 2 de Junho de 1931, a Associação de Assistência aos Pobres de Espinho forneceu 733 mil refeições e 34 mil dietas de leite e carne e medicamentos e roupas em grande quantidade aos pobres de Espinho, lutando contra a tuberculose e a sífilis, e gastando mais de 200 contos. Se se ponderar que a cotização dos sócios rendeu nesses treze meses 36 mil escudos apenas, faz-se a ideia de quantos donativos particulares permitiram sustentar esta obra. E a assistência continuou, sem baixar a média dos serviços e a sua qualidade.

A Associação de Assistência aos Pobres de Espinho transformou-se em Misericórdia de Espinho por portaria de 24 de Julho de 1937, publicada no «Diário de governo» n.º 174, II série, de 24 de Julho de 1937 que aprovou o novo compromisso da Misericórdia, compromisso que mencionava a transformação. E foi primeiro provedor o engenheiro Tristão Ferreira de Almeida.

Mas já antes da transformação o nome da Misericórdia surgira.

Em 15 de Maio de 1930 faleceu o senhor conde de Agralongo, amigo de Espinho e frequentador da sua praia, conhecido profundo da obra assistencial que a Associação prestava. No seu testamento, deixou um legado de 30 contos à Misericórdia de Espinho, modo como, antecipando-se no tempo, denominou a Associação de Assistência aos Pobres de Espinho. E o legado foi recebido sem dificuldades

pela Associação de Assistência aos Pobres de Espinho, a entidade que ele conhecia e quis beneficiar.

Em Outubro de 1938, a Santa Casa da Misericórdia de Espinho, transferiu para a Rua 14 a sua sede, cantina e posto de socorros, instalando aí duas enfermeiras de partos.

Os serviços de enfermagem eram chefiados pelo conhecido, competentíssimo e saudoso enfermeiro José Pereira de Jesus que gratuitamente serviu a Associação e a Misericórdia desde 1 de Janeiro de 1937 e passou a ser integrado como funcionário em 1 de Janeiro de 1938, com o ordenado de 200 escudos mensais.

O director clínico foi sempre, desde a Associação, o dr. José Correia Marques, que exerceu o seu cargo gratuitamente até pedir a exoneração em 8 de Março de 1944, pela idade e por razões de saúde.

Nas salas de partos nascem muitas crianças de Espinho e fazem-se raspagens uterinas, quando necessárias.

PRIMEIRO HOSPITAL
ONDE É HOJE
A SEDE DOO P.C.P.

— Em 8 de Janeiro de 1938 surge o selo branco da Misericórdia, obra desenhada e oferecida por Silvério Vaz.

Em 8 de Janeiro de 1938, surge uma proposta do dr. Manuel Gomes de Almeida. Constando-lhe que a Misericórdia pensa em instalar serviços hospitalares, propõe-se oferecer-lhe uma sala de cirurgia não inferior à que tem instalada na sua Casa de Saúde.

Reunidos os médicos dr. Correia Marques, dr. Castro Soares, dr. Cândido Lago e dr. Gemeniahn de Oliveira, entendem não ser ainda oportuno montar os serviços hospitalares e a sala de cirurgia.

Não obstante isso, em 6 de Março de 1941, é feita, nas salas da Rua 14, pelo dr. Manuel Gomes de Almeida, a primeira intervenção à apendicite. Foi operada D. Leopoldina da Costa Henriques, que teve alta em 16 do mesmo mês e ano.

Em 1 de Setembro de 1941, é feita a mudança para a novas instalações na Rua 8 onde passa a funcionar o primeiro hospital da Santa Casa inaugurado em 21 de Setembro de 1941 (edifício onde se encontra instalado o PCP). E em 8 de Novembro de 1941 é aprovada e afixada a primeira tabela de preços para as enfermarias de partos e cirurgia: diárias, quartos de 1.º, 15 escudos; quartos de 2.º, 10 escudos; quartos particulares, 25 escudos.

Em 12 de Novembro há uma reunião de todos os médicos de Espinho, que tinham oferecido gratuitamente os seus serviços à Misericórdia, os quais considerando que a Santa Casa obteve instalações mais amplas que lhes permitiram montar uma enfermaria de partos, duas enfermarias para socorros e curativos e um consultório médico e permitiram o funcionamento de serviços

médicos e cirúrgicos, contando já a Misericórdia com uma sala de operações e instalação de esterilização, se comprometem a prestar gratuitamente os seus serviços à Misericórdia, distribuindo entre si as especialidades e horários de permanência no Hospital. Os médicos que reuniram foram dr.ª Cândida Tendar, dr. Correia Marques, dr. Gomes de Almeida, dr. Castro Soares, e dr. Gemeniano Vicente e Cândido Lago, que não puderam comparecer.

Em 23 de Novembro de 1943 é deliburada a compra da primeira aparelhagem de raios X proposta pelo dr. Emídio Neves, à sua custa, para ser paga suavemente pela Misericórdia e que foi instalada no prédio sul-nascente das ruas 23 e 16.

Em 23 de Junho de 1944 oferece os seus serviços gratuitos à Misericórdia o primeiro médico da minha geração — o dr. Henrique Estima, que enfileira no grupo dos demais. Vieram depois o dr. Pinheiro de Moraes, o dr. Daniel Pinho, o dr. Pinto Valente, o dr. Rui Fael, o dr. António Pinty, o dr. Moreira da Costa e outros. Não menciono mais nomes porque estou a encarar a instalação e não os médicos e receio que muitos nomes me falhem.

Em 23 de Agosto de 1944 foi nomeado director clínico do Hospital o dr. Manuel Gomes de Almeida que como cirurgião vinha prestando os seus serviços, e os prestou até à sua morte de modo extraordinariamente relevante.

Em 16 de Março de 1947 o Hospital é visitado pela Comissão das Construções Hospitalares que, perante a realidade com que deparou, assentou na construção do novo hospital na Rua 24.

Em 8 de Dezembro de 1947 foi deliburado tratar do projecto do novo hospital, ao qual foi ligado o arquitecto Jerónimo Reis, que veio a ser o autor do projecto. E daí até à inauguração do novo hospital, em Julho de 1957, foi um longo calvário de peditórios, burocracias e sacrifícios de toda a ordem. Era provedor na altura da construção e da inauguração o senhor José Miguel.

UM SONHO
CUJA CONSTRUÇÃO
ENVOLVE
UM DISPÊNDIO
DE 10 MIL CONTOS

— E os serviços da cantina?

— Os serviços da cantina funcionaram a servir mais de 5 mil refeições mensais até 9 de julho de 1945.

A partir daí, o serviço cessou porque a Câmara Municipal chamou a si todo o serviço da cantina para fornecimento de refeições aos pobres do concelho, oficiando nesse sentido à Misericórdia. E a Santa Casa da Misericórdia passou a concentrar todos os seus esforços e sacrifícios no Hospital, cujo nível elevou a um ponto que todos nos orgulhamos.

Para os curiosos direi que a Misericórdia, além do primeiro compromisso de 24 de Julho

de 1937, aprovado por portaria de 24 de Julho, publicada no «Diário do Governo» n.º 174, 2.ª série de 28 de Julho, teve o segundo, aprovado em assembleia geral de 2 de Janeiro de 1943 e por despacho do secretário de Estado de Assistência de 5 de Março de 1945, e tem a qual, aprovado em Assembleia Geral de 12 de Outubro de 1980, e por despacho de Sua Ex.ª Reverendíssima o Bispo do Porto de 22 de Janeiro de 1982.

Devo esclarecer que embora denominada Santa Casa da Misericórdia de Espinho desde 1937, só a partir de 22 de Janeiro de 1982 a instituição foi erecta canonicamente, como instituição católica. Mas também devo acrescentar que segundo os seus estatutos, não se condiciona a prestação dos seus benefícios a qualquer espécie de crédito religioso.

E, finalizando, esclareço com a nacionalização do Hospital (da sua exploração), em 1975, a Misericórdia se voltou para a Terceira Idade, tendo a funcionar em prédios seus um Centro de Dia, no Bairro «Diário de Notícias», para 35 utentes, e um mini-lar, com 12 utentes, na Rua 14.

— Que pensa das administrações sucessivas da Instituição?

— Pelo que me foi dado ler e pelo que conheci, aprez-me registar a lealdade, a cautela, a humildade e a solidariedade que ligou sempre os elementos de cada mesa nas relações entre si e para com as mesas que se foram sucedendo na gestão dos interesses associativos.

— E feitas as pinceladas históricas, o que nos diz do presente?

— A mesa a que presido, como repetidamente afirmei já, aceitou uma missão ingrata: a de realizar um sonho que não foi seu, que custará mais de 70 mil contos, em prejuízo de outras actividades menos onerosas e porventura mais prioritárias para o meio em que vivemos, e mais consentâneas com os fins da Misericórdia. Mas há que cumprir, procurando vencer as dificuldades e programar as realizações em ordem a permitir à Misericórdia realizar completamente os seus fins.

— E têm encontrado dificuldades?

— Não há uma obra séria na vida que seja fácil. E tudo está em vencer os obstáculos, um a um, consoante o grau de dificuldade encontrada.

Quando fomos eleitos, soube que tinham sido doadas à Misericórdia umas parcelas de terreno no lugar de Pedregais, de Anta, que se encontrava aprovado o projecto para a construção ali do lar para idosos e que o seu custo não seria inferior a 70 mil contos, havendo uma proposta aprovada para empreitada da primeira fase de 18 mil contos.

A primeira doação, de dois terrenos rústicos, feita em 19

de Outubro de 1977, havia sido condicionada pelo doador à obrigação de a Misericórdia dar ao lar o nome do doador e de sua esposa, de o admitir no lar, se este quisesse, sem encargos, e de velar pelo seu jazigo, de fazer o funeral do último dos cônjuges e, por último, de iniciar as obras dentro de dois anos a contar da doação, sob pena de reversão do terreno doado para o doador ou seus herdeiros no caso de a obra não ser iniciada no prazo estabelecido.

CÂMARA PROMETEU
6 MIL CONTOS
PARA A PRIMEIRA FASE

— No próprio dia em que fomos eleitos — Dezembro de 1981 — fomos alertados de que o doador, invocando terem decorrido mais de quatro anos sobre a doação, ia pedir a reversão do terreno doado, por não ter sido ainda iniciada a obra. A dificuldade demorou mais de 8 dias a vencer, mas venceu-se. Imperou o bom senso, obrigámo-nos a cumprir as estipulações da doação, honrando os compromissos assumidos em nome da Misericórdia e a iniciar a obra antes do fim desse ano, o que fizemos. O doador, por sua vez, gentilmente, renunciou ao direito de reversão.

Ultrapassado este obstáculo, adjudicámos a obra e passámos a encarar o modo de a realizar, ao mesmo tempo que pensámos no modo de alimentar uma obra de semelhante vulto.

Obtivemos mais uma doação de terrenos por parte de D. Joaquina de Sá Moreira Ramos Torres, D. Leopoldina Amélia Ramos Barbosa Torres Brandão e marido desta, José Domingos Pinto Brandão, interessados na herança do falecido sr. Henrique Barbosa Torres, formalizamos a doação feita pelo senhor dr. António Pereira Pinto, legalizamos os pedidos de isenção de impostos que se tornavam necessários e procurámos saber quanto poderíamos obter do Estado como comparticipação para a obra.

Sabido disto, e inteirados de que o tempo das vacas gordas acabou, não ficamos descontentes. Como dissemos já, a obra é de Espinho, para Espinho e Espinho, tal como fez com o seu Hospital, vai contribuir na medida das suas posses para ela. Ao Estado só competirá cobrir o que faltar.

Assim pensamos. E se todos assim pensassem, o Estado não chegaria à situação em que se encontra.

Depois deste primeiro esclarecimento, pedimos uma audiência à Câmara Municipal, com a presença do senhor presidente e outros elementos da Assembleia Municipal.

Fomos recebidos em 6 de Janeiro de 1982 com extrema gentileza. Expusemos as razões da nossa ida, que fillamos no entendimento de que a Câmara Municipal e a Assembleia

(Continua na página seguinte)

«Não temos palavras para agradecer as dádivas da Solverde»

(Cont. da página anterior)

Municipal, como primeiras entidades interessadas nos problemas sociais concelhios, eram as entidades que, em nosso entender, deviam marcar maior participação para uma obra de tão grande vulto como aquela que ali nos leva, a da construção de um lar para idosos.

Sensibilizaram-nos profundamente as palavras com que fomos recebidos: «A Câmara já contava com a visita da Mesa da Santa Casa da Misericórdia e já estava preparada para enfrentar o problema, não se alheava nem minimizava a sua obrigação, de modo que poderíamos contar com ela».

Não soubemos o quantitativo, porque a questão seria analisada no orçamento suplementar. Mas, depois da visita, tive pessoalmente a promessa feita pelo sr. presidente da Câmara, de que iria propor à Câmara, para a primeira fase, para o corrente ano, portanto, 6 mil contos.

Esta promessa deixou-nos satisfeitos porque, por um lado, tenho como certo que nenhum membro da Câmara votará contra a proposta do senhor presidente neste assunto, nem haverá na Assembleia Municipal quem discorde dela e, por outro lado, porque sendo a segunda fase muito mais vultuosa, a Misericórdia tem razões para confiar em que o orçamento ordinário de 1983 da Câmara Municipal contemple a obra com a participação merecida.

«DE» DEU QUASE 300 CONTOS

- SOLVERDE QUASE 16 MIL!

- E ficaram por aí?
- Evidentemente que não. Obtivemos a transferência, para a Misericórdia da quantia de 241.397\$00, produto de uma subscrição feita na «Defesa de Espinho» para construção de casas e que, coloca a juros em conta bancária em nome dos senhores António Gaio, Fernando Meneses, José de Almeida e Manuel Couto Rodrigues da Silva, atingiu aquele montante; e recebemos da Conferência de S. Vicente de Paulo, secção feminina, a quantia de 400 mil escudos.

A tudo isto há que acrescentar o resultado da feliz visita feita ao senhor Manuel de Oliveira Violas, presidente do Conselho de Administração da Solverde, a quem, com humildade e singeleza, expusemos o nosso problema.

O senhor Violas ouviu-nos e, sem outras palavras, rematou: «A Solverde tem um fundo para uma obra de utilidade pública. A utilidade da obra justifica inteiramente que esse fundo lhe seja destinado». E foi. A Misericórdia recebeu da Solverde o fundo destinado a uma obra de utilidade pública no montante de 11.825.565\$10, para o novo lar. E na Assembleia Geral de Março, sem prévias promessas, sem palavras, a Administração propôs, e a Assembleia Geral aprovou por aclamação a entrega à Misericórdia

de mais 4.030.000\$00, da verba que a Solverde, nos seus estatutos, destina à distribuição pelas colectividades úteis de Espinho.

Não temos palavras para agradecer as dádivas da Solverde, que até este momento somam 15.855.565\$10!

Nunca em Espinho aconteceu uma entidade dar a qualquer colectividade tão volumosa quantia, ainda que se entre em linha de conta com a desvalorização da moeda. Manuel Violas e a Solverde foram os maiores benfeitores da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, assim reconhecidos em Assembleia Geral, em ambiente da mais profunda alegria.

Em meu nome pessoal e como provedor da Misericórdia, não tenho palavras que justifiquem a nossa gratidão e a este respeito só me resta formular dois votos: 1.º, que a Solverde prossiga o seu intento de deixar o seu nome ligado a uma obra viva, válida para todo o sempre, porque os homens passam e só ficam os actos, a afirmar o que foram na vida; 2.º, que os homens de Espinho se entendam, dêem as mãos, ponham termo às questões que a nada conduzem; os de Espinho e os que andam sempre com Espinho na boca e nos braços, tratando a terra como quem trata uma amante, como usou dizer Eça de Queirós, ao dirigir-se a Pinheiro Chagas. E digo mais: aos políticos compete sobrepôr a tudo os interesses de Espinho. É a eles que compete dar os passos necessários para pôr termo às questões.

- E com esses resultados pararam?

- Não. Recorremos aos Bancos estabelecidos em Espinho, que nos deram a esmola de 20 contos o Espírito Santo, 20 contos o Português do Atlântico, 10 contos a Caixa Geral de Depósitos, e 50 contos o Banco Nacional Ultramarino. Nem todas as iniciativas se transformam em rosas. Mas à Misericórdia só cumpre agradecer o que lhe deram.

Percorremos toda a indústria e todo o comércio de Espinho e todos os espinhenses, porta a porta. Ninguém pode ignorar que se trata de uma obra que custa 70 mil contos e que é precisa a colaboração e boa vontade de todos, para que se veja erguida. Pensando nisso e no futuro, temos feito um apelo à inscrição de irmãos, pedindo, mais, que cada irmão se subscreva com 100 escudos mensais.

- E qual o resultado dessa campanha?

- Os melhores, os mais animadores que seria possível obter. Numa altura em que a maior parte dos espinhenses ignora a existência da obra e, até, da Misericórdia, conseguimos recuperar grande número de sócios inscritos, que tinham deixado de contribuir, e angariámos mais de seiscientos sócios, que nos dão este ano, largas centenas de contos. Quando a obra se divulgar, estamos certos que angariaremos perto de 2 mil sócios. O produto da sua quotização

será para a obra e, depois de ela estar concluída, para a sua manutenção, que é um factor a não esquecer.

LAR TERÁ ESPAÇO VERDE ENVOLVENTE

- E quanto à obra em si?
- Os terrenos doados à Misericórdia para a construção do lar pelos senhores José de Oliveira Carvalho, primeiro doador, dr. António Pereira Pinto e esposa, e herdeiros de Henrique Bardosa Torres, abrangem cerca de 4 mil metros quadrados.

A obra ocupará mais de mil metros quadrados, pelo que durante as visitas que fazíamos, começámos a convencer-nos de que a grandiosidade da construção exigia mais terreno à sua volta, como espaço livre para ocupar pelos utentes.

Um membro da mesa, em nome desta, pediu ao sr. José de Oliveira Carvalho que doasse ou vendesse à Misericórdia o terreno que se interpõe entre os terrenos do lar e o regato que passa a sul.

O senhor Carvalho não se decidiu. Por isso, ajustámos a compra da Quinta do Pisco, com mais de 12 mil metros quadrados de terreno, contígua à Misericórdia.

Com este terreno e com o que o senhor Carvalho há-de doar-nos ou vender-nos — assim o esperamos, pelo convencimento de que o senhor Carvalho tem todo o gosto em ver, ao lado da sua casa, um lar para idosos ímpar no país — poderemos dizer que a Misericórdia passará a dispor de um recinto e de um lar onde vale a pena estar e onde vale a pena ir passear e repousar, pois encontrará aí o parque que a cidade precisa.

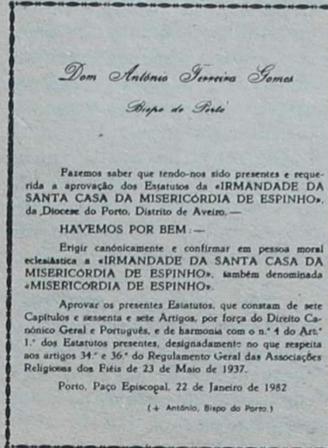
De resto, no projecto inicial previa-se a expansão dos terrenos do lar, para poente, a contar com o interesse do senhor Carvalho, em ver a obra engrandecida. E nós só lhe pedimos agora o terreno que se situa entre os actuais terrenos da Misericórdia e o regato que passa a sul. Pensando, o sr. Carvalho vai por certo contribuir para a perfeita grandiosidade da obra, que com a sua doação se iniciou. É uma obra de Misericórdia. De qualquer modo, o terreno com que ficaremos dará para a instalação de todas as obras, que a Misericórdia ali queria montar.

- E quanto ao edifício?

- O edifício tem a forma de um «T», situado no terreno com predominância sobre a orientação geográfica norte-sul, utilizável por 60 utentes internos e 30 externos.

A área coberta total é de 2 mil e 500 metros quadrados, incluindo a cobertura da varanda, e dispõe de uma cave, com a área de 690 metros quadrados, rés-do-chão com área útil de 950 metros quadrados e andar com a área de 860 metros quadrados.

(Cont. página seguinte)



José de Oliveira Carvalho assina, em 19 de Outubro de 1977, a doação de terrenos para o novo lar



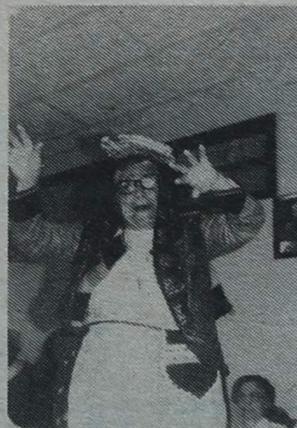
Manuel Violas, rodeado de suas filhas, assinando, em nome da Solverde, a acta que atribuiu à Misericórdia o fundo destinado a uma obra de utilidade pública, no monte de 11.825.565\$10



D. Joaquina de Sá Moreira Ramos Torres, sua filha, D. Leopoldina Amélia Ramos Barbosa Torres Brandão, e o seu genro, José Domingos Pinto Brandão, assinam, em 12 de Janeiro de 1982, a doação de terreno para o novo lar da Misericórdia



O dr. António Pereira Pinto e esposa assinam, em 12 de Fevereiro de 1982, a escritura de doação de terrenos seus à Misericórdia para o novo lar



Um pormenor da última festa de idosos da Misericórdia



«Extinção do Centro de Assistência cria-nos uma situação difícil»

(Continuação da página anterior)

Na cave, que tem entrada directa do exterior, localizam-se os serviços de apoio como lavandaria e rouparia geral, despensa geral, câmaras frigoríficas e garrafeira, lavabos, vestiário e chuveiros para ambos os sexos, ginásio, calista, cabeleireiro, barbearia e casa da caldeira.

No rés-do-chão localiza-se a entrada principal, com acesso directo ao vestíbulo, dotado de sala de espera, recepção, secretaria e administração, PBX, etc. Liga directamente para o hall de distribuição, que se ramifica para este, acesso ao andar e cave, elevador, zona de serviço, com cozinha, copas e seus anexos e sala de jantar polivalente, com bar e lavabos, para ambos os sexos, e sala de refeições para o pessoal. Nesta ala teremos ainda copa dos utentes, lavabos e engomados e quartos para casais.

No hall citado haverá um gabinete do responsável, e ligação ao centro de saúde onde haverá enfermaria, médico, isolamentos, farmácia, sanitários, banho e refeitório.

No andar haverá um hall de distribuição ao qual ligam a escada de serviço e o elevador, hall dotado de uma galeria e varandas, galerias que ligam aos quartos localizados nas três alas, com copa de distribuição, rouparia, banhos, sala de convívio e bar, copas e lavagem de roupas dos utentes, sala de sessões dos mesários, sala de espera, etc.

- Agradecido fica o Jornal por tantos elementos. Fala-se, entretanto, na entrega dos hospitais das misericórdias às suas proprietárias. E sabe-se que para isso basta que a Misericórdia opte pela entrega. Que pensa a este respeito?

SE O MERECER ESTADO CONTINUARÁ A GERIR O HOSPITAL

- O hospital está nas mãos do Estado, que o explora e administra, e nos paga renda.

Eu, e comigo a Mesa da Santa Casa da Misericórdia, pensamos que se o Estado administrar o Hospital de Nossa Senhora da Ajuda de modo a desenvolver os seus serviços e a transformá-lo naquilo que a Misericórdia, interpretando o sentir do povo de Espinho, sempre ambicionou, a sua exploração cabe ao Estado, única entidade que pode dar ao povo de Espinho a satisfação exacta que ao Estado impõem as necessidades de uma sociedade evoluída como Espinho.

Se o Estado decair na sua missão, abandonar o Hospital e não lhe imprimir a eficiência que todos desejamos, então teremos uma palavra a dizer.

O Hospital não foi construído senão para Espinho. Para o povo de Espinho, que para ele contribuiu decisivamente. É o interesse do povo de Espinho que está em causa. E a Misericórdia não tira dele o seu olhar, sabendo o caminho a seguir, se as circunstâncias lhe impuserem uma atitude.

- Sabe que o Centro de Assistência Social de Espinho se extinguiu e deliberou entregar à Misericórdia o seu património?

- Sei perfeitamente. Assisti à Assembleia Geral, por ter sido convidado a assistir a ela. Agrada-me prestar homenagem aos homens que trabalharam no centro de Assistência, muito especialmente ao Senhor José Almeida, que foi incansável e ficará sendo um exemplo de dedicação ao próximo na história de Espinho.

Reconhecendo que há, infelizmente, assistência a prestar, e não conhecendo o problema em toda a sua extensão, só posso neste momento dizer que a Misericórdia deverá preencher a lacuna que se abriu com o tipo de assistência que se lhe apresentar necessária.

Ouvi dizer na Assembleia Geral da extinção do Centro de Assistência que o Centro Regional de Segurança Social chamaria a si a assistência aos pobres de Espinho. Não creio que isso se dê. E, como toda a gente compreende, extinguir uma instituição de assistência,

não só não resolve o problema assistencial como o agrava.

Não estou dentro do problema, mas tenho como certo a que à Misericórdia se cria uma situação difícil. Não podendo desviar os seus fundos para fins assistenciais sucedâneos dos praticados pelo extinto Centro, mas cumprindo-lhe encarar o problema assistencial para cobrir as brechas abertas, poderá fazê-lo, criando uma secção de assistência aos necessitados, se lhe forem entregues as dadas da Solverde, da Câmara e dos sócios com esse fim exclusivo, mantendo-se o rendimento assistencial que existia.

Não devemos esquecer que a Misericórdia de Espinho é das mais pobres do país e que neste momento não pode desviar verbas da obra do novo lar para outros fins.

- E está animado quanto ao futuro?

- Sem hesitações lhe digo que sim. Os comerciantes e industriais podem incluir como encargo na sua contabilidade o que nos derem. Os profissionais liberais descontam o que nos deram no imposto complementar. Em todos os impostos há lugar para a dedução das dadas no rendimento. E será sempre verdade que quem dá à Misericórdia, empresta a Deus.

Quando sairmos à rua, estou certo de que seremos bem recebidos. E começam a surgir iniciativas que obtêm o melhor acolhimento.

Os Lions dedicam ao novo Lar, o produto de todas as suas festas realizadas este ano, que é o ano do idoso.

E espero, que todos os jornais de Espinho tomem a iniciativa de eliminar o que nas suas colunas escrevem de destrutivo, abrindo espaço aberto a uma subscrição entre os respectivos leitores destinada ao novo lar. Seria uma competição extremamente útil

- Deseja dizer mais alguma coisa?

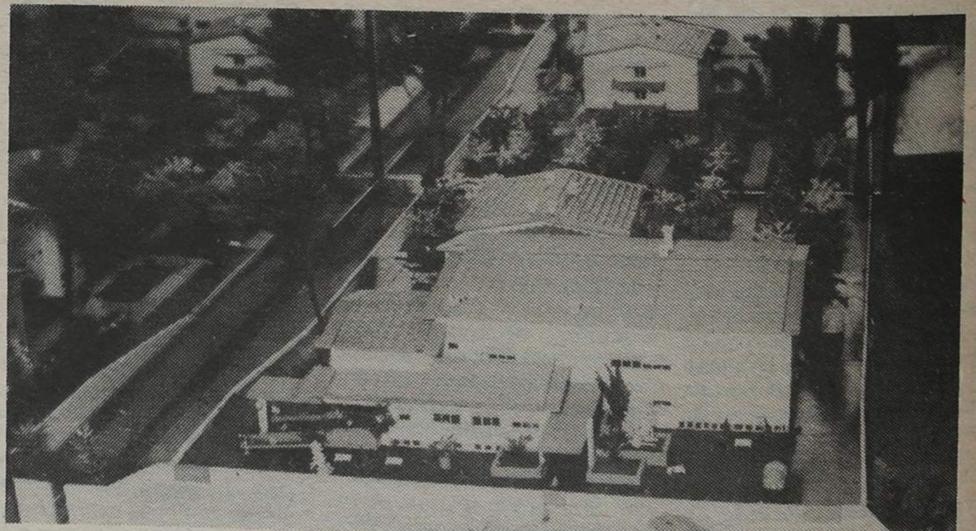
- Que Deus nos ajude e a quem nos ajudar.



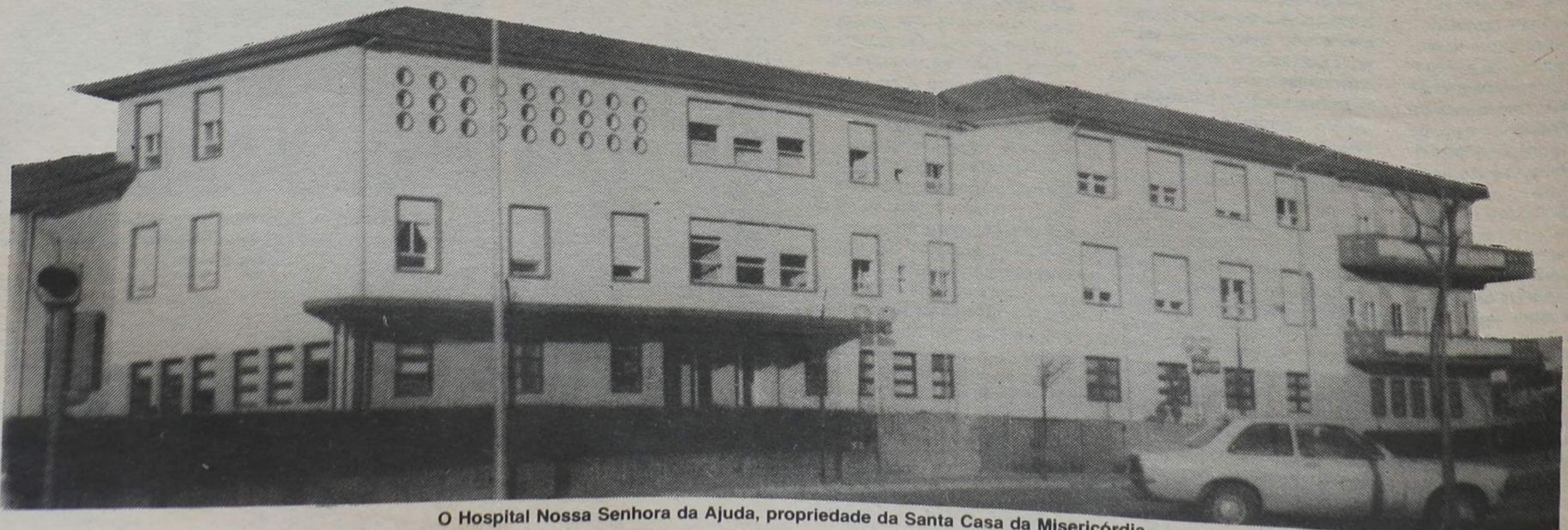
Início das obras do novo lar



As obras em curso no lar



Maqueta do novo lar



O Hospital Nossa Senhora da Ajuda, propriedade da Santa Casa da Misericórdia

PARA QUEM NOS VISITA • HOLIDAYS HERE • VACANCES À LA VILLE • PARA QUEM

Da aldeia pesqueira à cidade de hoje

Espinho é uma pequena cidade de 30 mil habitantes, situada 20 quilómetros a sul do Porto, e 50 quilómetros a norte de Aveiro, de que depende administrativamente. São cinco as freguesias que constituem Espinho, sendo uma urbana, duas semiurbanas e duas rurais.

A massa activa da zona de Espinho dedica-se essencialmente à actividade comercial. A população das zonas semiurbanas e rurais dedica-se à actividade industrial e à pesca e, ainda embora em menor escala, à agricultura.

Sendo Espinho uma cidade vocacionada para o turismo, tem uma série de estruturas que o servem como dois postos de turismo, o Casino, dois parques de campismo, piscinas, três hotéis, uma estalagem, inúmeros restaurantes, cafés, discotecas, pubs, uma lagoa, um aeródromo, um campo de golfe, um campo de tiro, recinto para a prática de equitação e várias praias.

O principal clube desportivo local, o Sporting de Espinho, milita na primeira divisão de futebol.

Foi no século XVII que pescadores provindos de uma pequena aldeia costeira a sul fundaram Espinho. Começaram por viver em palheiros que, gerações depois, foram transformando em habitações condignas. A pesca era abundante e permitiu-lhes uma vida melhor que na aldeia natal. Ainda hoje se podem apreciar os métodos de pesca de arrasto, que sempre foram utilizados pelos pescadores espinhenses, nas praias a sul da cidade (tal sistema de pesca designa-se por «companha»).

Nos primórdios de Espinho, a pesca era a mola real da economia da região e, por isso, o pequeno aglomerado cresceu rapidamente.

Mais tarde, quando o medo ao banho começou a ficar para trás e quando os médicos começaram a recomendar os banhos marítimos para tratamento de certas doenças, as areias banhadas pelo Oceano Atlântico começaram a atrair os primeiros banhistas. Essa atracção foi o empurrão definitivo para um imparável progresso da localidade. A crescente afluência

de banhistas a Espinho ficou a dever-se numa boa parte, devido à implantação do caminho de ferro entre Lisboa e Porto, que ainda hoje atravessa o coração da cidade. Isso mesmo reconhecia um conhecido escritor português, Ramalho Ortigão, quando por alturas do virar do século escrevia que «Espinho deve ao caminho de ferro o seu aspecto actual».

Mas recuemos um pouco no tempo, a 1807, altura em que em Espinho já havia 125 casais de pescadores. Nessa ocasião, Espinho era a mais populosa zona da freguesia de Anta (concelho da Feira) e, por isso, não tardaram os movimentos em prol da autonomia da terra, o que se concretizaria em 1889. Apenas 10 anos mais tarde, Espinho deixa de ser freguesia para conseguir a independência total, formando um novo concelho. E em 1973 conseguia a categoria de cidade.

Ao longo de todos estes anos, o crescimento invulgar de Espinho foi, no entanto, entravado pelo mar. Mar que atraiu os pescadores que fundaram a localidade e, depois, os banhistas - ele viria a

ser o travão de um maior desenvolvimento local, ao invadir periodicamente a zona ribeirinha, destruindo progressivamente o areal, ruas e casas.

Deu-se em 1869 a primeira invasão do mar e a última em 1979. Alguns dos mais idosos habitantes de Espinho referem que, nos anos recuados da sua juventude, a praia ficava a 15 minutos de caminho da actual, o que dá bem a ideia do avanço do mar. Têm sido estudados vários sistemas de defesa da costa mas nenhum resultou. Porém, depositam-se grandes esperanças no sistema em construção presentemente, obra que resulta de complicados estudos de engenharia hidráulica e que permitirá não só a defesa da costa como a recuperação do areal. Nos próximos anos, os turistas que visitarem Espinho terão, com certeza, uma boa praia.

Em anos recuados, Espinho era um «mar» de gente. No Verão, a população triplicava ou quadruplicava. Não só turistas portugueses, provinidos do interior mas também, e sobretudo, espanhóis.

Espinho atraía não só pela praia, como pelas diversões,

e, principalmente pelo jogo, que se pratica na localidade há bastante tempo. Em cada esquina havia um hotel e um café. Em cada café havia um casino. Hoje só um casino existe porque, na década de 20, o jogo começou a carecer de licença estatal.

Nos cafés, havia espectáculos diários e amplas esplanadas em zonas vedadas ao trânsito automóvel (conhecidas por «picadeiro») permitiam às damas passear as suas belezas perante os cavalheiros sentados com um refresco à frente.

Era um Espinho muito diferente do de hoje. Nos nossos dias, a cidade, perseguindo o progresso, torna-se «fria». Cria pólos de diversão menos «sui generis» — é uma renovação que os velhos não perdoam.

Também «renovam» os turistas que nos visitam. Hoje vêem-se em Espinho mais franceses, ingleses alemães e belgas do que espanhóis. Mas, saudosismo à parte, diga-se que Espinho tem já estruturas e prepara outras que lhe darão um nível europeu. Hoje, meia cidade está em obras. Surge um novo aparthotel, uma pousada,

uma nova piscina e outros empreendimentos construídos com os impostos arrecadados à empresa que explora o Casino.

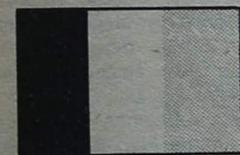
Mas uma coisa que não mudou é a hospitalidade deste povo descendente de pescadores. Pelo contrário, cada vez mais os espinhenses se esforçam para que os turistas se sintam bem entre nós e para que voltem em próximos anos.

xxx

Uma palavra também sobre a malha urbana de Espinho. As ruas cuidadosamente esquadrejadas resultam dos esforços de um antigo presidente da Câmara que pretendia transformar a cidade numa pequena Nova Iorque, o que conseguiu até ao mínimo pormenor, já que as ruas são numeradas como as da metrópole norte-americana.

Uma última palavra sobre este jornal. Fundado em 1932, completou em Março passado 50 anos de existência. Como o seu próprio nome indica («Defesa de Espinho»), o seu objectivo é defender os interesses da cidade e da região envolvente, tendo, portanto, um carácter essencialmente regionalista.

Le soleil, la mer, les plages et les piscines



Vastes étendues de sable doux et doré, eaux limpides et calmes; atmosphère salubre, fortement iodée; présence amie du soleil; conditions naturelles pour la pratique des sports nautiques, tels sont quelques-uns des principaux attraits d'Espinho, station touristique internationale.

L'ensemble «Solário Atlântico» complète ses attraits: piscine olympique, équipée d'un plongeur et de planches mobiles; une piscine d'enfants, accueillante et sûre; un confortable solarium; un restaurant agréable.

Il y a aussi une piscine d'eau chaude très agréable. Elle est en construction.

Espinho: le plaisir réconfortant des sports

Aimez-vous passer quelques heures reposantes sur le gazon d'un terrain de golf? «Oporto Golf Club» est un des meilleurs golfs et des plus vastes du Portugal - 18 trous, 5042 mètres. Préférez-vous le tir à plombs? Un stand moderne met à votre disposition l'équipement adéquat.

Aimeriez-vous voler? «L'Aero Clube da Costa Verde» entretient une école de pilotage, avec huit avions et deux planeurs.

Etes-vous amateur de pêche sportive? Toute la côte est riche en poisson, et chaque année se déroule ici un concours international.

Espinho vous offre en outre l'occasion de vous adonner à toutes sortes de sports: hippisme, patinage, tennis, et foot-ball. Car elle est dotée de tout un complexe pour la pratique des sports en plein air, ainsi que de magnifiques pavillons gymno-sportifs.

La voile et l'aviron peuvent être pratiqués en mer ou bien sur les eaux tranquilles des lacs de Paramos, aux rivages ombragés. Les adeptes du surf trouvent au voisinage d'Espinho une mer idéale pour de vertigineuses cavalcades à la crête des vagues.



Sun, Sea, Sand and Swimming - Pools

Espinho - Sun, Sea, Sand and Swimming - Pools

Wide extents of soft golden sand, calm, crystal clear water. The friendly embrace of the sun. A health-giving air, full of iodine. Natural conditions for enjoying water sports. One of the many facets of Espinho as an international tourist resort.

The «Solário Atlântico» is an establishment that rounds off its attractions. With an Olympic swimming-pool, equipped with diving tower and springboards. A safe plea-

sant swimming-pool for children. A comfortable solarium. And a good restaurant. We have also another swimming-pool with hot water but it's in building yet.

Espinho - The rejuvenating pleasure of sport

Would you feel like a few restful hours doing a round of golf? The Oporto Golf Club has one of the largest - and best golf courses in Portugal: 18 holes and a length of 5042 metres. Or do you fancy clay or live pigeon shooting? There is an up-to-date installation with all necessary equipment.

Interested in flying? Then the Aero Clube da Costa Verde has a flying school, with eight aircraft and two gliders. Fishing? The coastline offers chances of catching plenty of fish, and there's an international competition every year.

Espinho can also offer you riding, roller-skating, tennis and football, because it has a whole set of outdoor sports installations, besides splendid gymnasiums.

There is also sailing and rowing offshore, on the sea, or on the quiet waters of the Paramos lagoon with its tree-covered shady shores. And anyone who is fond of surf-riding will find that the sea at Espinho provides plenty of thrills.

Dr. Ricardo Romeira
MÉDICO
Especialista de Cardiologia
(Carteira Hospitalar
e Ordem dos Médicos)
CONSULTÓRIOS
Esmoriz - Tel. 72579
Espinho - Tel. 723398
Dias úteis
das 14 às 20 horas

NUNO A. PEREIRA
PSIQUIATRA
MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS
NERVOSAS
Consultório: Rua 31, 321
Marcação das 18.30 às 21.30
horas
Telefone, 720689
ESPINHO

PASSA-SE
EM ESPINHO
MINIMERCADO
ÓPTIMO MOVIMENTO
Contactar
Telef. 724236



ELECTRODOMÉSTICOS

Coutos Lda.

...A vantagem de escolher e de comprar melhor!

RÁDIO - GRAVADORES - TV - FOGÕES

- FRIGORÍFICOS - CANDEIROS - LOUÇAS, ETC.

ABRE ESTA SEGUNDA-FEIRA, NA RUA, 19 N.º 437
(Ao lado do BNU) - Telefone, 720681

...A sua visita dá-nos prazer e... dar-lhe-à

MAIS BENEFÍCIOS!

**POLÍCIA
DE SEGURANÇA
PÚBLICA
DE AVEIRO
SECÇÃO DE ESPINHO**

EDITAL

Eu, MANUEL ATANÁSIO DOS REIS, Primeiro Comissário da PSP e Comandante desta Secção de Polícia, FAÇO SABER para todos os efeitos legais que, se encontram no Comando desta Secção de Polícia «SERVIÇOS DE ACHADOS»: UMA MOTORIZADA, cor verde, com motor CASAL; ONZE BICICLETAS SIMPLES, cinco das quais, das marcas «RALEIGH SPORTS» de cor preta, «MOTOBICANE» de cor branca, «ESMALTINA» de cor vermelha, «BLISS» e «SÚRIA», estas das cores cinzentas e cor vinho; e SEIS s/qualquer marca, de cores diversas; OITO BOLAS; UMA bolsa de pano; TRÊS TAMPÕES para rodas de automóvel; UMA navalha; DOIS cortan-unhas; QUATRO porta-chaves; UM ALFINETE EM PRATA, tipo folha de árvore; QUATRO PARES DE ÓCULOS; QUATRO porta-moedas; UM PANO; TRÊS casacos de malha; CINCO Revistas naturais; UMA SACA com um merendeiro; ALGUMAS ROUPAS DE CRIANÇA; UMA bota; UM guarda-chuva; UM PAR DE CALÇAS; UM LENÇO DE MÃO; UM ISQUEIRO; e uma roda completa própria para viatura pesada, artigos estes que foram ACHADOS ou encontrados ABANDONADOS na via pública ou em outros locais, desta cidade de Espinho, que serão entregues a quem provar com documentos serem seus no PRAZO DE NOVENTA DIAS, a contar da data da publicação deste EDITAL, dado que findo este prazo, serão todos vendidos em «LEILÃO» a realizar publicamente no COMANDO DESTA SECÇÃO DE POLÍCIA, juntamente com outros que durante o período daqueles NOVENTA DIAS (90), terminem também o prazo de um ano e não sejam entregues aos SEUS ACHADORES por na altura própria terem DESISTIDO ou que não sejam reclamados pelos próprios DONOS.

E por ser verdade e para constar se lavrou o presente EDITAL e outros de igual TEOR que vão ser afixados nos lugares do costume desta cidade, publicado nos «JORNAL DEFESA DE ESPINHO, MARÉ VIVA e ESPINHO VAREIRO» e por mim dito Comandante assinados, aos trinta dias do mês de Julho de mil novecentos e oitenta e dois.

O COMANDANTE
DA SECÇÃO,

Manuel Atanásio
dos Reis,
1.º Comis.

Vinhos a granel, engarrafados e fabrico de puríssimo vinagre

Armazém: Tel. 50077
R. da Estação, 103
PORTO

Armazém: Tel. 721195
Av. 24, N.º 425
ESPINHO

Secção
engarrafados:
Telef. 50077
R. de Mirafior, 207
PORTO



Fábrica de
vinagre:
Telef. 390400
R. José Mariani, 308
V. N. GAIA

UNIÃO VINÍCOLA ABASTECEDORA, LDA.

**SUPERMERCADO DO LAR
DO PICÓTO**

Agentes exclusivos dos LUSTRES CRISTALUZ,
BRONZES SUPER, C. D., etc.

DISTRIBUIDORES dos papéis: VYMURA PARETA, MAY-FAIR, BAMMENTAL, MARBURG, AZCOAGA, etc.
Ainda as alcatifas: PÉROLA, LIDER, VERBY, ROBILON, CARLON, TAITI, etc.

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Sede: Est. NAC. 1 - Telef: 764575 - PICÓTO
Filial: Rua 62 n.º 227/231 - Telef: 722986 - ESPINHO
Brevemente em OLIVEIROS SUL

**NOITES DE FADO
ESTALAGEM XOUPANA E. N. 109 -
VÁLEGA - OVAR**

«VENHA CONVIVER
E OUVIR O FADO CONNOSCO»

Aos sábados a partir das 20 horas.
Aceitam-se reservas de mesas pelo telef. 53468
-rede de S. JOÃO DA MADEIRA

**FERNANDO
RODRIGUES LIMA**

TRAVESSA DA RUA 5 - TRASEIRAS DA GARAGEM SOUSA - TELEF. 721739

Distribuidor dos papéis COLOWALL com nova colecção acabada de sair, VIMURA, PARÊTA, PARATI, etc.
Pavimentos para cozinhas e casas de banho; Alcatifas, etc.

- Orçamentos grátis -

LAVANDARIA

LAVAR



RIBEIRO, VALENTE & CA., LDA.
Rua 12, n.º 640 - ESPINHO
Telefone, 723704

A MAIS AVANÇADA TÉCNICA
NA LIMPEZA E TRATAMENTO
DO SEU VESTUÁRIO

Limpeza a seco - Lavagem e secagem de
roupa branca, couros e antilopes
SERVIÇO RÁPIDO

**JOSÉ AUGUSTO DA SILVA QUINTAS
3.º ANIVERSÁRIO**

Sua esposa, filho, filha e genro mandam celebrar missas de 3.º aniversário do falecimento do seu querido extinto no próximo dia 6 de Agosto, sexta-feira, na Capela de N.ª Sr.ª D'Ajuda pelas 8 horas da manhã e na Igreja Matriz pelas 19 horas, do mesmo dia. A família agradece desde já, a quem possa comparecer a estes piedosos actos.



A CRISTALENCA

VIDROS FERREIRA

Depósito de vidraça em caixa, cortada ou colocada, molduras para caixilhos, espelhos, tijolos e telhas de vidro

DESCONTOS PARA REVENDA

FERNANDO DE SOUSA FERREIRA

Encarrega-se da colocação de vidros em qualquer ponto do País

Rua 18 n.º 675 - Telefone, 720480 - ESPINHO

**VENDEM-SE
Apartamentos**

em ESPINHO - com frentes para as ruas 10, 12 e 31, c/ 4 e 5 assoalhadas, cozinha, 2 banhos, dispensa e garagem.

Vivendas

no Algarve (Vila Moura) - Junto ao Casino de 2 pisos, constituídas por sala comum, cozinha, 2 quartos, dispensa, varandas e grande jardim.

Informa por favor:

Atelier Ribeiro - Rua 19, 192-1.º - ESPINHO
Telefone 723063 - horas de expediente.

DOMINGOS COUTO & FILHO, LDA.

BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Escritório: Rua 18, n.º 1004 - Telefone, 720528
Armazém: Rua 8 n.º 1019 - Telefone, 722203

ESPINHO

**VENDE-SE
APARTAMENTO**

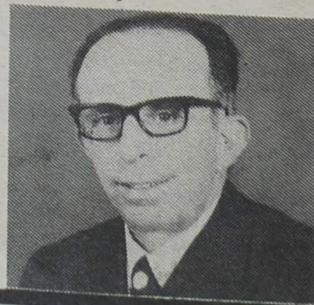
Sito Rua 26 n.º 601 - 2.º Dt.º

Informa no local
ou tel. 722726 ou Jornal «DE»

**CARLOS JERÓNIMO
FERNANDES PEREIRA
(XABREGAS)**

2.º ANIVERSÁRIO

A família manda celebrar missa de 2.º aniversário, no dia 9, segunda-feira, às 19 horas na Igreja Matriz desta cidade. Agradecendo desde já a todas as pessoas que assistirem a este piedoso acto.



Defesa de Espinho
2627 - 5/8/82



TRIBUNAL

JUDICIAL

DA COMARCA

DE ESPINHO

ANÚNCIO

Pelo 1.º juízo de Direito desta comarca, 1.ª Secção, na acção de divórcio com processo ordinário n.º 458/82 - movida por António da Silva, casado, operário, residente no lugar da Igreja - Guetim - Espinho, contra a ré Rosa Maria Magalhães Soares Silva, com última residência conhecida na Rua 66 - Rio Largo - Espinho, é esta ré citada para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 20 dias que começa a correr, depois de finda a dilação de 30 dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido que o autor deduz naquele processo e consiste no pedido de divórcio pelos motivos constantes dos autos que pendem nesta 1.ª Secção do Tribunal Judicial de Espinho.

Espinho, 27 de Julho de 1982

O juiz de Direito do 1.º Juízo

(Assinatura ilegível)

O escrivão

A. D. J.

(Assinatura ilegível)

VENDE-SE

CASA DEVOLUTA

Rua 39 n.º 224

- ESPINHO

Telef. 721940

Entrevista concedida pelo Presidente do Conselho de Administração da Solverde, Manuel Violas, ao jornal «O País», de 1-7-82

ESPINHO AO RUBRO COM VIOLAS AO ATAQUE

OUTRA vez Espinho. Como prometemos com base, aliás, na promessa que havíamos recebido da parte do sr. Manuel Oliveira Violas, de que nos receberia, voltamos hoje a ocupar-nos da jovem cidade da Costa Verde, na sequência da entrevista que publicamos no último número com o presidente da Câmara Municipal, sr. José Carvalho Fonseca.

EMCAUSA está o problema do estádio do Sporting de Espinho e, por tabela, da própria cidade. Há neste caso duas posições antagónicas — a do município (ou do seu presidente?) com o sr. Manuel Oliveira Violas, empresário de renome e presidente do Conselho de Administração da Solverde.

Na entrevista que publicamos, o presidente da Câmara «atirava-se» ao sr. Violas a propósito de terrenos existentes no futuro (?) parque desportivo da cidade e para o qual está previsto um parque de jogos municipal. Segundo ele (presidente) esses terrenos pertencem ao sr. Violas que (segundo ele, também), não estaria disposto a cedê-los.

Devemos dizer que da parte do sr. Manuel Oliveira Violas há uma certa resistência em falar para os jornais a propósito deste (lamentável) caso.

— **Pode gabar-se que foi o senhor o segundo jornalista a entrar no meu gabinete de trabalho para me entrevistar sobre o caso em discussão** — disse-nos o sr. Manuel Violas, quando o seu secretário, sr. Vasconcelos, nos levou à presença do empresário a quem Espinho, inegavelmente, tanto deve.

— **E isto porque** — sublinhou — **eu não preciso de dar grandes explicações. O povo de Espinho conhece-me o suficiente para concluir, facilmente, de que a razão está do meu lado.**

«UM FALSO PROBLEMA»

Devemos confessar, sinceramente, que mal conhecíamos o sr. Violas. Pelo menos nunca lhe falámos pessoalmente.

E como se deu o mesmo em relação ao presidente da Câmara, estamos perfeitamente à vontade para abordar este «caso» de Espinho. Não há, relativamente às duas partes em litígio, quaisquer influências susceptíveis de prejudicarem o julgamento que sobre o problema se pretendia fazer.

Manuel Violas não perdoa ao presidente da Câmara as atitudes que este tem assumido em relação à Solverde. As suas palavras são bem demonstrativas de tais sentimentos, quando diz que se trata de «um falso problema, que só existe na imaginação do senhor presidente da Câmara e do pequeno grupo a que encostou». Disse, ainda, que é notória a «sua total incapacidade para resolver os verdadeiros problemas de Espinho, que tantos e tão grandes são».

A inimizade entre as duas entidades nada tem de ideológico, como à distância se poderá pensar. José Carvalho Fonseca está à frente do município em representação do seu partido, o PSD, de que também é presidente concelhio, e tanto Manuel Violas, como a Solverde, apoiaram a candidatura do presidente quando das eleições autárquicas.

Manuel Violas continuou ao ataque:

Espinho não tem casas, não tem esgotos capazes, não tem devidamente pavimentadas as ruas e os passeios; não tem electricidade que satisfaça, nem higiene nem limpeza; não tem água bastante, e a pouca que possui, vinda de longe, é transportada através de condutas ultrapassadas. Em suma, Espinho não tem satisfeitas as condições mínimas

indispensáveis a um aglomerado urbano e decente.

«A CÂMARA TEM DINHEIRO A MAIS»

E sem desviar o seu tom acusatório:

— **A Câmara de Espinho tem dinheiro a mais. E o seu presidente para ocultar o seu total fracasso, usa de todos os meios para proclamar que eu sou um elemento que encrava o progresso da terra, porque me oponho a que se faça onde ele quer fazer um novo parque da cidade e um estádio municipal. E servindo-se de linguagem que me abstenho de classificar, procura atacar-me, misturando comigo a Solverde e até as altas individualidades que não navegam nas nossas águas. Quanto a estas por ele atingidas, não é a mim que compete defender os seus actos de gestão.**

Relativamente à Solverde, talvez não saiba o sr. presidente que a zona de jogo de Espinho foi criada em 1927 ou no ano seguinte e que teve vários concessionários desde então até 1974, altura em que a Solverde, por ter ganho o concurso, se tornou adjudicatária da concessão e que nenhuma dessas anteriores concessionárias deu à Câmara de Espinho qualquer benefício durante mais de quarenta e cinco anos.

E perguntou:

— **Tem o senhor presidente da Câmara razões para se queixar da Solverde? Porquê?**

E em jeito de resposta:

— **A Solverde, já concessionária da zona de jogo, deu de sua livre vontade à Câmara de Espinho, 35 000 m² de terreno da Quinta Constantino Pereira, que hoje valem bem 140 000 contos, e entregou às Juntas de Freguesia do concelho a cobrança antecipada das rendas das casas sociais que para elas construiu, no montante de 15 000 contos.**

Mais:

— **A Solverde, ainda por sua livre vontade, atribuiu às colectividades de Espinho 30 500 contos, que pagou; contribuiu com 700 contos para diversas associações concelhias; 800 contos para centros paroquiais nas freguesias; 1700 contos para a construção do Centro Paroquial da Cidade; 1600 contos para o Lar dos Idosos a ser construído pela Santa Casa da Misericórdia de Espinho; 2500 contos para a construção de um hangar para barcos de recreio na ria de Ovar; 10 000 contos com as instalações do golfe e gastou em Festas de Verão, 40 000 contos.**

Mais ainda:

— **Ainda por força das obrigações que assumiu, a Solverde pagou para a Câmara, 142 000 contos de imposto de jogo, sendo certo que as verbas atribuídas, subsídios em dinheiro estabelecidos e com as participações nos lucros, pagou até ao fim do ano de 1981, a essa mesma câmara, mais de 33 000 contos. Despendeu ainda, para o município e para as freguesias 336 500 contos.**

E como que abrindo um parêntesis:

— **Note que as obras e subsídios resultantes do contrato de concessão, resultaram de a Solverde ter incluído na sua**

proposta tais obrigações, que podia ter substituído por outras.

E voltou a perguntar:

— **Que autoridade tem o senhor presidente da Câmara para se queixar da Solverde, a cujo Conselho de Administração presido?**

DIREITO LEGÍTIMO

Na entrevista que então fizemos ao presidente da Câmara, este referiu-se a um recurso de Manuel Violas para o Supremo Tribunal Administrativo do despacho ministerial que declara a utilidade pública da expropriação de terrenos, para o parque de campismo, parque da cidade e estádio.

Sobre isso, declarou-nos o nosso entrevistado:

— **A minha posição é e foi bem clara. Dos dois recursos, um foi julgado procedente e o segundo aguarda decisão.**

entidades responsáveis, desde o município até aos competentes departamentos de turismo e estaduais, inclusive os presentes. A Solverde, com a construção desse parque, gastou 70 000 contos.

PREPOTÊNCIA?

Na sequência das suas críticas à gestão do actual presidente da Câmara, diria Manuel Violas:

— **As Câmaras posteriores ao 25 de Abril, inspiradas em princípios a que o actual presidente aderiu, resolveram ignorar as carências de Espinho, que aliás toda a gente conhece. Assim, não obstante saber que havia um parque de campismo, que a Câmara receberia de mão beijada, resolveu construir outro parque de campismo, este no lugar de Sales, em Silvalde. E porquê? Porque nos terrenos a expropriar havia alguns, embora poucos, da fa-**

que no lugar dos lesados para melhor classificar a negociata que foi tentada.

Como dissemos, o presidente do município é, também, o presidente do Sporting de Espinho. Sobre essa acumulação de cargos, Manuel Violas fez este comentário:

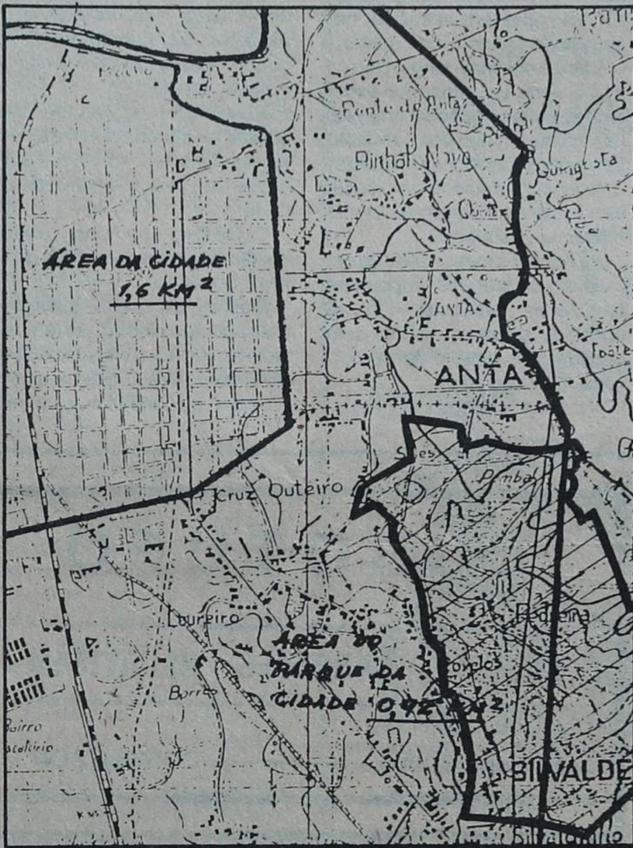
— **Para levar por diante os seus propósitos nebulosos, o senhor presidente da Câmara de Espinho aproveitou uma crise existente no clube para oferecer os seus serviços e, com a promessa de resolver os problemas deste e de lhe dar um estádio, obtendo a simpatia e os votos das pessoas que se deixam enganar facilmente, tornou-se presidente do Sporting Clube de Espinho. E é para explorar o clubismo doentio de alguns, que me ataca onde e sempre que pode.**

E numa alusão directa ao mais grave problema do clube:

recção pertenci, oferecendo ao clube o maior auxílio durante dezenas de anos. Quanto ao sr. presidente da Câmara, desde que veio parar a Espinho até ser eleito presidente e depois disso, que nos diga o que fez até agora.

E numa referência directa:

— **Fique o sr. presidente certo de que as suas manobras, os seus insultos e os seus clamores contra mim próprio, não lhe servem para ocultar o fracasso da sua gestão. Fracassou por evidente falta de capacidade para resolver os problemas essenciais de Espinho. E não é imitando Nero ou Hitler, que esconderá a sua incapacidade, aliás manifestamente reconhecida por toda a gente. Começou as suas desculpas dizendo ter assinado de cruz o programa que apresentou quando da sua candidatura, terminando da pior maneira ao**



Aqui se assinalam três áreas distintas: a da cidade (à esquerda), a do parque da cidade (à direita) e os limites propostos. Como se verifica, o parque vai até Silvalde, ultrapassando a própria cidade

E em tom enérgico:

— **Desde quando o uso de um direito legítimo — o do recurso aos tribunais para fazer cumprir a lei — é para um presidente de uma Câmara atacar e insultar quem se serve legalmente desse meio? Em que terra vivemos nós? Onde veio este homem que caiu em Espinho e de quem os cidadãos não podem defender-se legitimamente pelos meios ao seu dispor contra os actos de perseguição ostensiva dos que se consideram vítimas?**

Aclarando melhor expressões exteriorizadas:

— **A perseguição está aos olhos de toda a gente mais ou menos atenta, como pode ver-se através destes exemplos: a Câmara que presidia aos destinos de Espinho aquando do 25 de Abril, por reconhecer que a cidade precisava de um parque de campismo e por não ter condições financeiras para o construir, atirou sobre os membros da Solverde a iniciativa de incluir nas condições da sua proposta um desses parques reversível para a Câmara Municipal, em local que a Câmara escolheu e foi sancionado por todas as**

mília de Manuel Violas, a quem era preciso atacar e desgostar.

Também depois do 25 de Abril a Câmara decidiu construir um novo parque da cidade, um parque desportivo e um estádio municipal. Onde? Obviamente em Sales, Silvalde, onde a família Violas e é proprietária de cerca de 54000 m² de terrenos a expropriar e que não poderia ser poupada nos desgostos e ataques a infligir. Muitas foram as pessoas prejudicadas, só porque tiveram azar em possuir terrenos na área onde a família de Manuel Violas, sem dúvida o alvo número um da Câmara Municipal. Muitas pessoas choraram perante os «ultimatums» de que teriam de vender os terrenos sob pena de expropriação.

— **Manuel Violas — contou-nos o próprio — reagiu contra a prepotência, a qual se resolvia até na negociação feita com terrenos adquiridos a 80\$00 por metro quadrado e que valem milhares de escudos.**

E num aparte:

— **É possível que haja alguns edis que esfreguem as mãos de contentes com a prepotência. Cada espinhense que se colo-**

Da área do Concelho à da Cidade e do Parque

MANUEL Oliveira Violas forneceu-nos mapas com vários números que por interessantes vamos deixar aqui.

Assim, a área do concelho abrange 20,2 Km², a da cidade, 1,6 e a do parque da cidade, 0,92 Km².

A área do parque representa 4,6% da área do concelho e 57,5% da área da cidade.

Lê-se, ainda, que para além do parque foram expropriadas ou reservadas áreas superiores a 1,2 Km², o que, com a área do parque, representa 10,5% da área do concelho e 132,5% da área da cidade.

As razões porque Manuel Violas protesta, estão aí. Ele não aceita que se esteja a reservar para o parque da cidade uma área proporcionalmente superior às áreas do concelho e da cidade.

Foi-nos, ainda informado, que desde 1974 a Câmara Municipal recebeu de imposto de jogo as seguintes verbas:

Em 1974, 1500 contos; 1975, 3000 contos; 1976, 7600; 1977, 9700; 1978, 11300; 1979, 18400 1980, 24500; 1981, 35000.

Em 1982 tal verba atingirá este ano montante superior a 31500 contos, tendo sido já liquidada até Junho de 1982 a quantia de 21 200 contos.

Até hoje a Solverde contribuiu com as seguintes verbas: para associações da zona, 84 500 contos; para as autarquias, 667 000 e para o Estado, 1 078 500.

Até 1974 nenhuma outra concessionária deu qualquer subsídio.

— **Um presidente do Sporting de Espinho tem a obrigação de saber que só poderá resolver o problema do clube com o aproveitamento do campo de jogos, dotando-o de instalações necessárias — com relvado e bancadas. Nunca resolve tal problema com a promessa ao clube do que não lhe pode dar, de um estádio municipal, já que o estádio seria municipal e, como tal, para uso de todas as colectividades.**

Dirigindo-se, de novo ao presidente:

— **Como dirigente do clube, que tem feito o senhor presidente para resolver o problema (o do campo de jogos) sabendo bem que tem resoluções fáceis ao seu alcance? A única coisa que como presidente do clube fez até hoje, foi autorizar o funcionamento do bingo, dando de concessão a exploração a terceiros, sabendo como sabe que pisou o risco da legalidade e que por isso sujeitou o clube a graves sanções.**

NÃO IMITANDO NERO OU HITLER...

Não escondendo no rosto uma certa amargura, Manuel Violas falou um pouco de si:

— **Como homem e como industrial, conhecido em Espinho e no país, orgulho-me de ter feito uma obra nas organizações que criei e no próprio Sporting de Espinho, a cuja di-**

inventar um caso que afinal não existe, com o propósito de desviar as atenções do fracasso da sua actuação.

Manuel Violas defende a construção de novas bancadas e arrelvamento do actual campo de jogos. Disse que quando vice-presidente da Câmara Municipal propôs que da concessão de jogo saísse uma verba para a construção do estádio do Sporting de Espinho. Ele está contra a construção de um estádio municipal, não para defender os seus terrenos (uma pequena parcela), mas porque sendo do município, o recinto deixaria de ser, apenas, do Sporting de Espinho.

E Manuel Violas, como reforço da sua tese, citou os casos do Académico de Coimbra e do Marítimo, em que estes clubes não podem dispor sempre que pretendem, dos rectângulos exactamente porque os estádios são municipais e não deles próprios.

E a rematar:

— **É isto que o sr. presidente do Sporting de Espinho deve defender, e não tentar liquidar um clube que tanto amo e que tem recebido do meu bolso pessoal e das minhas empresas largas verbas.**

As declarações (polémicas) de Manuel Violas aqui ficam. E, comparando-as com as do presidente da Câmara, aqui incertas há oito dias, que se pode fazer o julgamento final.

Só que não queremos (nem devemos) ser nós a fazê-lo...

CORREIO

A ÁGUA: CONSIDERAÇÕES A PROPÓSITO DE UM INCÊNDIO



Depois da falta de água no concelho foram os bombeiros que «andaram à nora»

Por volta das 22 horas do dia 29 de Julho último, deflagrou um violento incêndio num armazém ocupado pela firma MANUEL PEREIRA FONTES & C.ª, LD.ª, empresa de tapeçarias conhecida pelos seus artigos no país e no estrangeiro, para onde exporta em grande quantidade.

Os prejuízos foram quase totais, ignorando nós se se encontram totalmente cobertos pelo seguro.

Acorreram ao sinistro as duas Corporações de Bombeiros Voluntários locais e todas as das povoações que nos ficam próximas, nomeadamente, Aguda, Arrifana, Carvalhos, Esmoriz, Lourosa, S. João da Madeira, V.N.Gaia, e Vila da Feira, num total que atingiu a dezena e mais de vinte viaturas.

Foi um autêntico pandemónio, que atingiu proporções pavoro-

sas e alarmou a população espinhense, que correu para o local em grande número e acompanhou mais ou menos de perto o que se passou.

As corporações de bombeiros lutaram desesperadamente para evitar a propagação do incêndio a estabelecimentos fabris contíguos e próximos e para dominar as chamas, que se erguiam a dezenas de metros de altura, ficando feridos e intoxicados alguns bombeiros.

Lutaram abnegadamente merecendo de toda a gente as mais elogiosas referências, os «Soldados da paz».

Mas, como toda a gente viu, tiveram de servir-se de poços, a mais de vinte metros de água de um débil riacho, que passava a cerca de 100 metros do local.

Lutaram com desespero, porque, na zona, não tinham bocas de incêndio às quais pudessem ligar os serviços de ataque ou de

abastecimento dos auto-tanques.

Esta realidade, que toda a gente constatou, obriga-nos a não silenciar o que se passa em Espinho. Na zona industrial por excelência, onde se encontra concentrada a principal zona industrial espinhense, não há bocas de incêndio que possam ser utilizadas em casos de necessidade, como o que surgiu.

Nós vamos mais longe. Não as há na zona industrial por excelência, onde o incêndio ocorreu, não as há em número suficiente junto de outras fábricas localizadas em outras zonas da cidade, não as há em número suficiente nas zonas habitadas.

Se houver a calamidade de um incêndio de grandes proporções em zonas habitadas não há bocas de incêndio eficazes para dominar um sinistro de proporções mais elevadas.

Na zona industrial por exce-

lência, assim denominada e conhecida, não há bocas de incêndio, às quais os bombeiros possam ligar os seus materiais.

E isto obriga o «Zé Pagante» a meditar sobre tudo o que se passa em Espinho.

Quando o Verão chega falta de vez em quando a água para as pessoas beberem, para seu uso diário, para lavar as ruas e os passeios, que primam pela sujidade e só contam com a chuva, quando ela cai.

Nunca se sabe quando falta, porque as condutas velhas, desactualizadas, rebetam sem pré-aviso, fora e dentro da cidade.

O «Zé Pagante» nunca sabe se no dia seguinte tem água para lavar os dentes.

Mas isto explica-se pelas condutas ultrapassadas que temos e cala-se com a promessa da nova conduta de Lever, que há-de vir.

Agora, a podridão do esquema

das bocas de incêndio, a inexistência de bocas de incêndio na zona industrial por excelência, como a justificam os responsáveis?

Como se compreende e explica que na zona industrial de uma cidade como Espinho, onde se ambicionam tantas coisas grandes, onde se perde tempo a discutir, a incultar e a sonhar, não haja bocas de incêndio que acudam a qualquer incêndio como o que ocorreu?

Será que os responsáveis entendem que os industriais são exploradores e que lhes compete satisfazer também o mais elementar apoio às suas indústrias contra incêndios?

E que dizem a isto os operários, em risco de cair em desemprego pela caducidade dos seus contratos provocado por um incêndio?

«Zé Pagante!» Passa a dizer que só vota em quem satisfizer

as necessidades básicas da tua terra, da tua segurança, da garantia do teu emprego e da defesa do que é teu e de todos nós. Verás que acordarás muita gente do sono da mediocridade em que mergulhou e caiu. Verás que os problemas de Espinho passarão a ser encarados com maior seriedade e com o realismo de que precisa, sem insultos, que não são cá precisos para nada.

UM ASSINANTE (Espinho)

N.R. — As cartas aqui publicadas reflectem tão-só a opinião de quem as assina. O «Defesa de Espinho» reserva-se, no entanto, o direito de não publicar aquelas que de modo bem vincado colidam com o seu estatuto editorial.

As cartas devem ser enviadas para «Defesa de Espinho», secção «Correio», apartado 39, 4501 Espinho Codex.

LOLI-BIJU

A CASA DE MODAS

QUE FALTAVA EM ESPINHO!

CONFECÇÕES
PARA SENHORA E HOMEM
BIJUTARIAS

LOLI-BIJU

ONDE A QUALIDADE E O BOM GOSTO
NÃO CUSTAM MAIS CARO!

UMA AGRADÁVEL SURPRESA

RUA 19 N.º 230 — Telef. 723711

REFRIGERAÇÃO

COSTA & MOLEIRO

Construção e reparações de frigoríficos comerciais, industriais e domésticos — Reparções de máquinas de lavar, esquentadores e instalações de gás.

TELEFONE, 723130 — Av. 24 N.º 285 — 4500 ESPINHO

LUSOTUFO

TAPETES - CARPETES - ALCATIFAS

Telefone 72005 — CORTEGAÇA

TAVERNA

«O PESCADOR»

PUB — FADO — FOLCLORE
RESTAURANTE TÍPICO

DIARIAMENTE JANTAR, CEIA
E ESPECTÁCULOS COM OS ARTISTAS:

ANTÓNIO BOMPASTOR
ALMA ROSA
FERNANDO LOUREIRO
DINIS SOBREIRA (guitarra)
e ANTÓNIO CARDOSO (viola)

Às sextas e sábados:

Actuação de ranchos folclóricos

Aos Domingos à tarde com DISCOTECA

Marcação de mesas pelo telefone, 721715 — Rua 15 n.º 260
4500 ESPINHO (junto à Estação da CP)

SUPERMERCADO DAS CORTINAS E ALCATIFAS DE GAIA

SE
PRECISA
DECORAR
A SUA CASA

EVITE ARRELIAS
E PERDAS DE TEMPO
NO TRÂNSITO CIDADINO

VISITE O

SUPERMERCADO DAS CORTINAS
E ALCATIFAS DE GAIA

A MAIS VASTA COLECCÃO DE TECIDOS IMPORTADOS
E NACIONAIS PARA OS SEUS CORTINADOS

EXECUTAMOS SOB MEDIDA QUALQUER TIPO DE CORTINAS
DECORADOR — CONFECÇÃO E COLOCAÇÃO PRÓPRIA.

ALCATIFAS das melhores marcas — O maior sortido em
todo o género de TAPEÇARIAS — Pavimentos plásticos para
cozinha e casas de banho — PAPEIS DE PAREDE — Colo-
cação por pessoal altamente especializado.

AV. DA REPÚBLICA, 2387 — TELEF. 398389
(JUNTO AO VIADUTO DE ST.º DÍVIDO) VILA NOVA DE GAIA

RESTAURANTE ■ SNACK-BAR

O PADRINHO

Especialidades:
— BACALHAU À PADRINHO
E CABRITO ASSADO

Garcia Covelinhas & Soares, Lda.

Av. 24, n.º 697 — Telef. 720665 — 4500 ESPINHO



LEIA E DIVULGUE «DEFESA DE ESPINHO»

PRECISA-SE

EMPREGADA
PARA CABELEIREIRA
TELEFONE 723820

CASA MARRETA
ALMOÇOS, LANCHES
E JANTARES

Especializada em:
Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas,
Açorda de peixe, Bons vinhos.

PEDRO DA SILVA LOPES
Rua 2, n.º 1355 - Tel. 720091
4500 ESPINHO
RESERVE A SUA MESA

CARLOS ALBUQUERQUE
PINHO

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DO APARELHO
DIGESTIVO
ENDOSCOPIA DIGESTIVA

Consultório:
Rua 31, n.º 321 - Tel. 724401
4500 ESPINHO

JORGE PACHECO

MÉDICO DENTISTA



Consultório:
Av. 8 n.º 784-1.º
Telef., 722718
ESPINHO

**M MOREIRA OCULISTA**

ÓPTICA - INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

TELEF. 723806

RUA 27, N.º 700 — 4500 ESPINHO

ESPINHO**ATENÇÃO AOS EMIGRANTES**
APARTAMENTOS

Próximos da praia, na Rua 3, prontos a habitar.
Desde 2.300 contos. C/ 2 q. no r/c e 1.º andar; c/ 2 q. e
mansarda no 2.º.

Em construção, p/ habitar em Setembro, c/ 3 q. e
garagem, área de 102 e 131 m², na esq. das ruas 16 e 3,
virados a sul.

F. de Pag. através Crédito Habitação.

2 LOTES DE TERRENO

Devidamente urbanizado, no Picoto. A 100 m da
estrada nacional, à entrada que liga p/ Espinho. Preço:
1.200 contos cada.

Falar: **M. SALGUEIRO** - Telef. 723726 e 722174
Apartado 80 - 4501 ESPINHO CODEX

AVISO**POSTURA
DE TRÂNSITO
PARA A FREGUESIA
DE GUETIM**

O Presidente da Assembleia
Municipal vem convidar a popu-
lação do Concelho de Espinho e
em especial a população de Gue-
tim, a enviar sugestões para a
Criação de uma Postura de
Trânsito nessa Freguesia.

A citada Postura de Trânsito
será elaborada por uma comi-
são que funcionará dentro do
âmbito da Assembleia Municipal,
e será constituída pelos seguin-
tes membros:

REPRESENTANTES:**Representantes da Junta de**
Freguesia

Joaquim Moreira de Sá
António Rocha da Silva
Carlos Alberto Oliveira Pereira

Representante da Assembleia
Municipal na Freguesia de
Guetim

Manuel Soares dos Santos

Representante da A.D. na As-
sembleia de Freguesia

Joaquim Agostinho Rodrigues
Sabença

Representante do C.E.I.F.G.

José Adelino da Rocha Nunes

Coordenador nomeado

Joaquim Moreira de Sá

Espinho, 20 de Julho de 1982

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA,
LUÍS COUTO ALVES GOMES

«Defesa de Espinho»
2627 - 5/8/82

**CARTÓRIO
NOTARIAL
DE ESPINHO**

Notária: **Maria Fernanda de**
Vasconcelos de Aguiar da
Fonseca e Castro.

Certifico que neste Cartório e
no livro 30-E, folhas 7, com data
de ontem, se acha exarada uma
escritura pela qual ÁLVARO
JOSÉ RAMOS SABENÇA cedeu
a CARLOS DANIEL RAMOS
SABENÇA a quota na G.G.E. -
GRANDE GARAGEM DE ESPI-
NHO, LIMITADA, com sede na
rua 62, 384, desta cidade de Es-
pinho.

E CARLOS DANIEL RAMOS
SABENÇA dividiu a quota aca-
bada de adquirir em duas, uma de
240.000\$00 que reservou para si
e cedeu a restante de 10.000\$00
a CLEMENTE SILVESTRE RO-
DRIGUES SABENÇA.

Feita a unificação de quotas
quanto a este, foi dada nova re-
dcação ao artigo quarto e seu
parágrafo primeiro e ao número
um do artigo décimo terceiro, as-
sim:

QUARTO - O capital social,
integralmente realizado, é de
1.000.000\$00 e corresponde à
soma das quotas que são: Cle-
mente Silvestre Rodrigues Sa-
bença, 510.000\$00, Clemente
Eduardo Ramos Sabença,
250.000\$00, Carlos Daniel
Ramos Sabença, 240.000\$00.

Parágrafo Primeiro - As quotas
dos sócios Clemente Eduardo
Ramos Sabença e Carlos Daniel
Ramos Sabença foram realiza-
das em dinheiro e a do sócio
Clemente Silvestre Rodrigues
Sabença nos precisos termos
constantes da escritura de consti-
tuição.

DÉCIMO TERCEIRO - Nú-
mero Um - Sem prejuízo da livre
revogabilidade, são desde já no-
meados gerentes os sócios Cle-
mente Silvestre Rodrigues Sa-
bença, Clemente Eduardo
Ramos Sabença e Carlos Daniel
Ramos Sabença.

Está conforme ao original. Es-
pinho e Cartório Notarial, vinte e
nove de Julho de mil novecentos
e oitenta e dois.

A Ajudante do Cartório,
MARCELINA DOS SANTOS
FERREIRA COELHO

**GRANDE CASINO
DE ESPINHO**

TELEF. 720238

PRESTÍGIO DE ESPINHO — ORGULHO DO NORTE

TODAS
AS
NOITES**NA BOÏTE (M/18 ANOS)**

JANTARES - CONCERTOS E BAILE PELOS CONJUNTOS

Carlos Machado ☆ **Eduardo's Band****VARIEDADES DA 1.ª QUINZENA DE AGOSTO**

BALLET MARILYN'S REVUE SHOW - Ballet inglês
LES GIL'S - Acrobatas suíços
GERARD ADDAT - Cançonetista francesa

A nova Boîte do Casino
É MESMO uma maravilha

SISTEMA ELECTRÓNICO DE CHAMADAS TELEFÓNICAS
EM QUALQUER LOCAL

VISITE ESPINHO
RAINHA DA COSTA VERDE



EMPES

ATENÇÃO
AOS EMIGRANTES
VENDE-SE
ANDAR
DEVOLUTO

4 Assoalhadas
Rua 31 n.º 65-1.º Esq.
Telefs. 721715 ou 723336

J. NUNES DE MATOS

MÉDICO ESPECIALISTA
RAIOS X-DIAGNÓSTICO

Especialista no Instituto Português de Oncologia.
Ex-assistente da Faculdade de Medicina

Consultório: Rua 20, n.º 1436-r/C/Dt.º - Tel. 721975

ESPOSABELA

Casa especializada em artigos para Noivas,
Acompanhantes, Comunhões,
Lingerie e Pré-Mamá.

Rua 12, n.º 589 — Telefone, 724203 — ESPINHO

SOCURAL

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES E URBANIZAÇÕES, LDA.
TELEFONE, 721602 — ESPINHO

Construção de apartamentos
em Propriedade Horizontal
Compra e venda de terrenos

ACEITAM-SE PROPOSTAS

PARA A VENDA DE UM PRÉDIO DEVOLUTO,
sito na Rua 8 n.º 879 - ESPINHO (até ao dia 14
de Agosto)

Enviar ao Apartado 134 - 4760 VILA NOVA DE FAMA-
LIÇÃO

«PNEUS CAR» - Telef., 723266



CENTRO DE VENDA DE PNEUS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA

- ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES
- EQUILÍBRIO DE RODAS
- VULCANIZAÇÃO DE CÂMARAS

Rua 18, n.º 1010 (R. da Igreja) Espinho

SP. de Espinho em Assembleia Futebol juvenil suspenso em 1982/83 entre um «Mar» cheio de problemas

Reportagem de PAULO MALHEIRO

Os associados do Sporting Clube de Espinho mandaram o clube às «tintas», na noite da passada sexta-feira, ao faltarem, em grande número, à Assembleia Geral Extraordinária. Esta encontrava-se convocada há bastantes dias anteriores à sessão, e com a devida publicidade o que não dá aso à família «tigre» de alegar o desconhecimento da mesma.

Mesmo assim, 110 associados (contamos nós), foram mais uma vez inteirar-se das dificuldades, cada vez mais reais, da colectividade. Foi o que Marçal Duarte, presidente da mesa, evidenciou logo no início da sessão, dizendo: «Considero que está aqui uma pequenissima parte da massa associativa do SCE. Cerca de uma centena de sócios é muito pouco para uma colectividade com 3 mil e 500». Marçal Duarte fez, ainda, uma breve alocução ao actual momento de dificuldades, referiu-se ao jantar onde se angariaram mil contos apesar da escassa presença de amigos do clube, e agradeceu a preciosa ajuda do Regimento de Engenharia de Espinho ao SCE, bem como ao desporto do concelho. Salientou a figura do grande associado e amigo que é o gaiense Bento Teles Barreiras, a Câmara Municipal e outros que se têm

posto à disposição das necessidades reais do clube.

«SITUAÇÃO DO SCE NÃO É DESOLADORA»

Depois de se ter entrado na ordem de trabalhos, Marçal Duarte mostrou o seu pessimismo quanto às obras em curso no «Avenida» e às dificuldades que estão surgindo com todo o processo de arrelvamento. Disse mesmo que: «As obras podem parar a qualquer momento, embora nós tenhamos possibilidades de fazer o arrelvamento».

Menos pessimista foi a intervenção do presidente do clube, José Fonseca, que numa análise geral, considerou: «A situação do nosso clube, comparada com outras de outros clubes da nossa divisão, não é desoladora».

Realista foi a intervenção de Fernando Padrão «Gino», director do sector de obras que explicou as razões do ritmo lento do andamento das obras. Louvou as preciosas ajudas de Bento Barreiras, ao ponto de afirmar: «Se não fosse o senhor Bento Barreiras as obras em curso no «Avenida» não estariam em marcha, pois o clube não tem um «centavo» para as obras que todos conhecemos».

Lembrou ainda, aos presentes, que os mil contos angariados no

jantar da família «tigre» foram canalizados para a vida normal do SCE.

Por seu turno, o dr. José Mendes, chefe do departamento de futebol fez conhecer outros por menores importantes, tais como disse: «O arrelvamento implica a plantação de relva, que custa 350 contos; um sistema de rega que importa em cerca de 370 contos; e um sistema de corte, no valor de 460. Esta totalidade, que são 1 180 contos, tem de ser paga, pois não é vendida a crédito». José Mendes referiu-se ainda à construção da nova bancada que, em certa medida, vem «pensar» mais nos cofres da colectividade.

DGD E FEDERAÇÃO NEGAM AUXÍLIOS!

Incríveis foram as medidas anunciadas pela Direcção-Geral dos Desportos e pela Federação Portuguesa de Futebol que negaram qualquer apoio ao Sporting de Espinho, num momento tão grave e decisivo para o futuro do clube. A DGD anunciou, por carta, a sua negativa e a Federação alegou que o processo dos «TIGRES» ainda não está despachado, dizendo também que não possui verba, de momento, e que se o SCE vier a receber algum dinheiro só depois de Maio de

1983! «É assim que se ajuda o desporto neste país, onde se esbanjam rios de dinheiro» — diria alguém a propósito.

Sensação seria a altura em que o dr. Mendes anunciou que, em referência a subsídios particulares, um senhor de Oliveira de Azeméis, que até nem é sócio do Espinho nem reside cá na terra, ofereceu um donativo de 10 mil escudos, donativo esse que, como é lógico, tem e teve um «sabor» muito especial.

Mas seria uma promessa do associado António Matos, proprietário da conhecida unidade industrial «Cetap», que levantaria a efervescência de alguns (poucos) associados do clube. Efectivamente, no passado dia 10 de Maio, António Matos (já foi presidente da colectividade vareira) prometera entrar, de imediato, com 200 contos. Só que António Matos, nessa Assembleia, não prometera 200 mil escudos em dinheiro, como alguns sócios chegaram, agora a crer.

Contestação p'ra qui, contestação p'ra colá, até que os elementos directivos que se encontraram na mesa, nomeadamente Fernando Padrão e Romeu Vitó, entre outros, assumiram uma atitude de defesa em prol de António Matos, já que em jogo estava a

sua honestidade e o seu comportamento como «um bom e grande» associado do Sp. de Espinho. Mas, passamos a transcrever o relato dessa assembleia, na parte que diz respeito aos tais 200 contos para o clube: Dizia o «D.E.», a dado passo: «Acrescente-se que um associado, António Matos, que foi presidente do clube há três anos, se prontificou a entrar, de imediato, com 200 mil escudos em material para a drenagem».

Foi o fim do ponto número um: «Arrelvamento do Avenida».

FUTEBOL JUVENIL SUSPENSO EM 1982/83

«O Clube e a próxima época», ponto seguinte da ordem de trabalhos, decorreu normalmente. Após ter sido anunciado à assembleia que o novo reforço da equipa era o guineense Babá (ex-Penafiel), muitos sócios, numa atitude que lhes é já tão peculiar, abandonaram a sala. Este abandono, leva muito boa gente a concluir que uma grande maioria da massa associativa dos clubes apenas vão às assembleias gerais para conhecer o nome dos novos «craques».

Foi mais uma vez reafirmado que o SCE não tem campo para treinar, muito menos para jogar. No entanto, tem treinado em Cortegaça, Esmoriz, Vila da Feira, S. João da Madeira, no campo de golfe, etc. O dr. José Mendes, a propósito da solidariedade de outras colectividades para com o SCE, louvou a Académica local, por ter colocado o seu autocarro à disposição dos «tigres» e a Associação Desportiva Sanjoa-

nense que dispôs o seu estádio, com dois treinos semanais na relva. Pediu mesmo o reconhecimento para ADS que a assembleia retribuiu com uma calorosa ovação. Também o Leixões e o Boavista dispuseram as suas instalações ao serviço de SCE.

Mais grave seria quando o dr. Mendes anunciaria que: «A dificuldade mais dolorosa é a manutenção do futebol juvenil. A Direcção do nosso clube, depois de analisar toda a problemática, não encontrou solução para este sector. A posição do clube é que, durante a época 82/83, seja suspensa a actividade dos Iniciados, dos Juvenis e dos Juniores, já que as Escolas de Jogadores poderão funcionar ao sábado à tarde». Fernando Capela, associado e técnico dos Iniciados insurgiu-se contra esta decisão de «fechar a porta a 80 atletas».

Os presentes tomaram ainda conhecimento da negativa que a Câmara deu ao clube, quando foi solicitada a sua carrinha, pois parece que está a ser elaborado um regulamento. A equipa profissional vai usar publicidade nas camisolas e foram anunciadas grandes manifestações de angariação de fundos, como um monumental sorteio de 2 500 rifas, leilões de dádivas e campanhas de angariação de sócios. Foi sabido, finalmente, que José Fonseca irá à Venezuela, onde se encontra radicada uma grande colónia de espinhenses, e que serão efectuados transportes especiais, em autocarros e carros particulares, para S. João da Madeira, enquanto o SCE lá jogar para o «Nacional».

FUTEBOL

AINDA NÃO FOI DESTA QUE SE FEZ «O GOSTO AO PÉ» SP. ESPINHO, O-RIO AVE, O

Jogo: Estádio do Mar (Matosinhos).

Tempo: Sol radiante e quente próprio da época.

Assistência: Menos de mil espectadores.

Árbitro: Manuel Bica (Aveiro).

SP. Espinho — Mendes (Matos, ex-Fafe, 66 m.); Vivas, Balacó, Serra (Vitor Manuel, ex-Lourosa, 66.) e Raul; Dinis (ex-União de Leiria) (Guedes, 77 m.), Carvalho (Nicolau, 75m.) e Pinto da Rocha (ex-Belenenses) (Abreu, ex-júnior, 83 m.); Salvado (Ex-Estoril) (David, ex-Cortegaça, 66 m.), Mória e Belinha.

Treinador: Alvaro Carolino.
RIO AVE — Alberto (Alfredo, aos 72 m.); Sérgio (Eusébio, aos 61 m), Samuel, Santana e Duarte; Adérito (Saura, aos

72m), Tozé (Carvalho, aos 61m) e Quim (Casimiro, aos 72 m); Pires, N'Habola (Charles, aos 45 mm) e Cabumba (Casaca, aos 45 m).

Treinador — Pedro Gomes.

Ao intervalo: 0-0.

Os espinhenses voltaram a pisar a relva. Desta vez, pela segunda consecutiva, aconteceu no Estádio do Mar, gentilmente cedido pela Direcção do Leixões Sport Clube. Foi no passado domingo, em Matosinhos, em plena tarde de Verão, perante um calor de rachar que contribuiu para o futebol muito «seco» praticado pelos conjuntos em confronto: os da «casa», o Sporting Clube de Espinho que já utilizou o guarda-roupa suplente, Matos, e ainda o jovem recruta vindo do Cortegaça, David; os visitantes, a turma do Rio Ave de Vila do Conde, deixada

por Mourinho às mãos do conhecido Pedro Gomes.

Um empate foi o que aconteceu ao fim de noventa minutos de futebol, mais em ritmo de treino que em ritmo de quem estava ali para «aprender» ou melhor dizendo para fazer um teste das reais possibilidades, quando faltam 21 dias para o início do tão desejado «Nacional». Para os espinhenses, se nem tudo correu bem, que terá sido o caso de ainda não ter feito o «gosto ao pé», pelo menos terão evitado a derrota sempre desagradável, já que nestas andanças desportivas ninguém gosta de perder e muito menos os futebolistas.

No entanto, se por um lado a defensiva dos «tigres» se mostra algo coesa e muito equilibrada fazendo lembrar aquela pequena

«muralha de aço» na época passada, pelo outro nem tudo vai bem lá pela frente. A linha média não mostrou ainda em dois jogos aquilo que sabe, e tanto um Salvado, um João Carlos (ausente neste jogo), como um Pinto da Rocha, já demonstraram que têm pezinhos para tratar a «menina». Finalmente na linha de ataque. Os avançados pecam por falta de «bombardeamento», quando ele é cada vez mais necessário no futebol. Belinha continua sendo o «soldado» mais activista de uma frente que não dispõe ainda das «armas» para o «combate».

Mória jogou aquilo que lhe é habitual, o mesmo não acontecendo a Salvado, ex-estorilista que promete mais do que aquilo que dele se esperaria.

J.B.

Sábado e Domingo em S. João SP. Espinho organiza torneio para apresentação da equipa

Sábado e Domingo a bola vai rolar no relvado do Estádio Conde Dias Garcia, em São João da Madeira. Ali vai ser disputado um torneio quadrangular, organizado pelo Sporting de Espinho e que contará com a presença das equipas da Sanjoanense, do Salgueiros, do Rio Ave e, claro, do Sp. de Espinho. Em competição duas turmas primodivisionárias, SCE e Rio e duas da divisão secundária, Sanjoanense e Salgueiros (este ainda não conheceu o seu paradeiro definitivo).

Este torneio, à partida, deverá registar razoável afluência de espectadores não só a julgar pelas equipas em presença, mas pelo facto de, praticamente, se ir verificar a apresentação oficial das quatro equipas. Favoritos não os há, embora o clube da «casa», o Sporting de Espinho, se apresente já com dois jogos de rodagem, enquanto Rio Ave (com um), Sanjoanense e Salgueiros (ambos sem nenhum) ainda deverão estar longe do apuramento ideal.

Os preços são populares e os associados da Sanjoanense, que cede o seu estádio, e do SCE apenas dispenderão 50 por cento do preço dos ingressos. Assim os espinhenses que se deslocarem a São João para ver a sua equipa, pagarão 100 escudos por uma bancada, 75 por uma lateral e 50 por uma superior.

Eis o programa do torneio:

Sábado, 16 h: Sanjoanense — Rio Ave; 18h: SCE — Salgueiros.

Domingo, 16h: Jogo entre os vencidos; 18h: final entre os vencedores.

DEFESA DE ESPINHO

Semanário ☆ Sai à quinta-feira

Responsável pela edição: Paulo Malheiro

Fundado em 27 de Março de 1932 por Benjamim da Costa Dias ★ Propriedade da EMPES — Empresa de Publicidade de Espinho, Lda. ★ Redacção e Administração na Rua 26 n.º 601-2.º-Esq. — Apartado 39 — 4501 ESPINHO Codex — Telefone 721525 ★ Maquetagem da EMPES — Publicidade ★ Fotocomposição e impressão nas Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto», Avenida dos Aliados, 107 — 4008 PORTO Codex — Telefones 21021/2/3 ★ Tiragem média de 3.500 exemplares.

Porque podem não reflectir a linha editorial do «Defesa de Espinho», os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores



PORTE PAGO